

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

CARLOS JOSÉ ESPÍNDOLA

**MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MAA) PARA
AVALIAÇÃO COM A FINALIDADE DE PROMOÇÃO A
PROFESSOR TITULAR**

**Florianópolis/SC
2018**

Estas memórias ou recordações são intermitentes e por vezes fugidias na memória, porque a vida é precisamente assim. Muitas das minhas recordações desvaneceram-se ao evocá-las, ficaram em pó como um vidro irremediavelmente ferido.

(Pablo Neruda)

SUMÁRIO

Introdução	4
Iª PARTE: Uma viagem de retorno	5
1.1- De onde vim e os caminhos da formação.....	5
1.2- O ingresso no curso de Geografia da UFSC.....	7
1.3- Nos caminhos da Geografia.....	11
IIª Parte: Ensino: um processo de aprendizado	15
2.1- Graduação.....	15
2.2- O percurso na UFSC.....	17
2.3- Pós-Graduação.....	19
2.4- Perspectivas unificadoras.....	23
IIIª Parte: Pesquisa, uma trajetória	28
3.1- Da relação agricultura-indústria aos agronegócios.....	30
3.2- Reestruturação técnico-econômica e comércio mundial.....	33
IVª Extensão e Administração	41
4.1- Para além do Campus da UFSC.....	41
4.2- Administrar: ampliando o escopo.....	43
Vª Parte: Conclusão	44
VIª Material iconográfico: Lembranças	45
Anexos	64

Introdução

“Dá certo gosto deitar ao papel coisas que querem sair da cabeça, por via da memória ou de reflexão.”
(Machado de Assis)

Apresento aqui o Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA) para a promoção a professor titular¹. Este documento diz respeito à reflexão de uma trajetória acadêmica carregada de múltiplas relações sociais. Portanto, não se trata apenas de descrever fatos existentes e congelados no tempo, mas antes, de narrar, descrever e refletir sobre um processo em constante transformação decorrente de múltiplas determinações. Narramos o passado na tentativa de buscarmos a explicação do presente.

Contudo, como nos afirma Aguiar (1998, p. 25), “a busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas. Na épica, como na memória, o passado se reconstrói de maneira alinear com idas e voltas repentinas [...]. Naturalmente o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente”².

Este Memorial abrange atividades desenvolvidas ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional, desde a minha origem até o ingresso como docente na UFSC. Trata-se de uma exposição dos principais aspectos da minha vida que conduziram a minha escolha pela Geografia e a minha trajetória na vida acadêmica e profissional.

Do ponto de vista metodológico procurei relacionar as atividades como aluno do curso de Geografia, a carreira como docente, tanto na graduação como na pós-graduação, as orientações, as pesquisas, os projetos de extensão com as publicações e as participações em eventos. Desta forma, o corpo do texto indica as publicações fazendo referência ao título e autor.³

¹ Este memorial segue a Resolução Normativa nº 40/CUN/2014, de 27 de maio de 2014, que normatiza a ascensão à classe E (Titular) dos integrantes do Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A documentação comprobatória encontra-se nos anexos, conforme art. 5º da Portaria nº 982/MEC/2013.

² AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da Memória: Um Estudo sobre Pedro Nava**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Fapesp, 1998.

³ No final do memorial estão presentes listagens das produções científicas

Para tanto, este Memorial está dividido em seis grandes partes. A primeira, subdividida em três subitens, demonstra minha origem e os caminhos trilhados ao encontro da Geografia. A segunda parte, apresenta, em dois subitens, minha trajetória no ensino da graduação e na pós-graduação, destacando as disciplinas e as orientações. A terceira discorre acerca das pesquisas realizadas, procurando enfatizar os eixos centrais que balizaram minhas produções. A quarta parte, por sua vez, parte relata as experiências realizadas com os projetos de extensão e administração. Na quinta parte, exponho uma breve conclusão e, por fim, apresento um material iconográfico sintético sobre a minha trajetória.

Iª PARTE: Uma viagem de retorno

Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento
passar, vale a pena ter nascido.
(Fernando Pessoa)

1.1- De onde vim e os caminhos da minha formação

Nasci sete meses e dezessete dias antes do golpe civil-militar no Brasil, mais precisamente em quatorze de agosto de 1963. Residi em Capoeiras, um bairro caracterizado pela presença de muitas chácaras que foram sendo gradativamente retalhadas para o estabelecimento de loteamentos.

Iniciei meus estudos em 1970, no grupo escolar Edith Gama Ramos. Corria o milagre econômico brasileiro e meu pai, funcionário público do Ministério da Agricultura (um “técnico veterinário” não formado), dedicava esforços na construção de uma nova casa e na campanha política de um vereador do PTB, que mais tarde migrou para o MDB⁴.

Não obstante aos compromissos, quando retornava do trabalho sempre me cobrava a tabuada e os exercícios do caderno de caligrafia. Ademais, obrigava-me a ler a *Revista Seleções*, a *Enciclopédia Barça* e uma coleção sobre os grandes vultos da história brasileira. Meu pai, poderia se dizer, foi o meu professor particular.

Em 1975, ingressei na Escola Modelo Dayse W. Salles e comecei a ter interesse pelas matérias de ciências, matemática e pelas atividades extracurriculares, como

⁴ Acredito que a transferência desse vereador para o PDS, nos anos de 1980, fez meu pai não se dedicar mais ao calor das eleições. Lembro-me de que a última vez que falamos de política foi quando ele me disse que votaria em Tancredo Neves.

técnicas agrícolas, técnicas industriais e técnicas comerciais. Nelas participei em equipe na organização de um canteiro de hortaliças e tubérculos, na confecção de artefatos de argila, madeira e arames, e no trabalho de escritório. Além disso, participava ativamente das atividades esportivas e de teatro. Adotando o sistema integral de ensino, uma das primeiras experiências de Florianópolis, a escola oferecia aulas de línguas estrangeiras como o inglês e o francês.

Essas atividades foram determinantes na minha escolha pela Escola Técnica Federal de Santa Catarina, onde, em 1979, fui cursar eletrotécnica. Paralelamente passei a trabalhar como *office boy* de uma empresa que prestava serviço ao governo do Estado. Trabalhei no Palácio do Governo, no ano de 1980⁵. Durante os anos de Escola Técnica, tive a oportunidade de conhecer a família do professor Hélio Barreto (Prof. de Direito da UFSC). O convívio foi de grande valia, pois passou a despertar meu interesse por um curso superior. Evidente que meu interesse estava voltado para as áreas de ciências exatas, mais precisamente a de engenharia.

Ainda na Escola Técnica e em face das manifestações políticas que ocorriam constantemente em Florianópolis, participei do Centro Cívico da Escola Técnica, onde passamos a reivindicar uma atitude mais política diante de toda disciplina que reinava no interior da instituição. Já nos semestres finais do curso, comecei a fazer estágio na TELESC, na área de sistema de gerenciamento de equipamentos. Como estagiário passei a viajar pelo estado de Santa Catarina onde estavam instaladas as centrais telefônicas da empresa.

Paralelamente, tentei o meu primeiro vestibular (Engenharia Elétrica). Mesmo reprovado, passei a frequentar a UFSC, participando das festas e das manifestações populares. Foram momentos importantes, pois o contato com os alunos da Sociologia, da Psicologia, da História e da Economia despertou meu interesse por novos caminhos. Trabalhei quase dois anos na TELESC, quando, então, resolvi sair de lá.

Os anos de 1983 e 1984 foram um divisor de águas para mim. Enquanto participava das atividades na UFSC, fui contratado para trabalhar na Fundação Catarinense de Desenvolvimento Comunitário (FUCADESC). Dentre as funções que exercia na instituição participava das reuniões com os Centros Sociais Urbanos (CSU) e com os Conselhos Comunitários (CC). Posteriormente, assumi a responsabilidade de

⁵Ao sair às 16:00 horas para a escola, passava constantemente pelas manifestações que ocorriam na praça central e arredores em virtude da prisão dos estudantes que participaram dos atos da Novembrada. A Novembrada foi um protesto ocorrido em 30 de novembro de 1979 em Florianópolis, contra o Presidente Figueiredo.

organizar os projetos de instalação e expansão das atividades desenvolvidas no interior dos CSU e CC.

O contato com as comunidades e profissionais da área de Sociologia, Serviço Social e Direito, estimulavam ainda mais minha busca por um curso das Ciências Humanas. Mas, qual curso? Durante esses anos, conversava com pessoas de vários cursos da UFSC, mas estava decidido que não iria para a área de Engenharia. Após um longo período de angústia, escolhi o curso de Geografia. Confesso que sem saber o certo o que iria encontrar.

Aprovado no vestibular, caí na real! Pois, como poderia ter escolhido tal curso se nas duas primeiras fases de Escola Técnica Federal de Santa Catarina, fiquei em recuperação em Geografia?

1.2- O ingresso no curso de Geografia da UFSC

Ao ingressar no curso de Geografia em 1985, a professora Walquiria Krüger Corrêa (Teoria e Método da Ciência Geográfica) perguntou a cada um dos alunos por que haviam optado por Geografia. Respondi que não sabia ao certo! queria conhecer a Geografia. Realizando as disciplinas, participando do Centro Acadêmico e das reuniões com os alunos do curso de sociologia, direcionava esforços para três disciplinas: Introdução à Economia, Sociologia Geral e História Econômica Geral.

Em maio de 1985, participei da minha primeira Semana de Geografia (Semageo), na qual frequentei um minicurso ofertado por João José Bigarella e Francisco de Oliveira. Este primeiro minicurso foi sobre a estruturação e o movimento das dunas da praia da Joaquina (Florianópolis). O segundo foi sobre a economia brasileira⁶. Foi ainda nessa Semana que tive a honra de conhecer Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, que muito contribuiu para o meu interesse pela Geografia Física. Adorava estudar os movimentos das massas de ar e frentes frias, na disciplina climatologia.

Corria o curso de Geografia e duas disciplinas se destacaram para mim: Cartografia Geral e História Econômica do Brasil Contemporâneo. A primeira, em virtude da minha antiga aproximação com a matemática e a física (tempos da Escola

⁶ A Semana da Geografia é um evento de concepção acadêmico-científico e cultural que tem por objetivo discutir e aprofundar temas de caráter geográfico da atualidade, proporcionando intercâmbio entre pesquisadores externos, docentes e estudantes, além da formação continuada de egressos.

Técnica) e a segunda, em decorrência dos textos de Paul Singer, Guido Mantega, Roberto Simonsen, Celso Furtado, Caio Prado Jr. entre outros, a mim apresentados pelo professor Rufino P. de Almeida. Confesso que, apesar da dificuldade em realizar a disciplina em função da carga de leitura, a mesma era por demais estimulante e desafiadora.

No retorno do IV Encontro Nacional dos Estudantes de Geografia, realizado em Vitória, fiz uma parada de uma semana em São Paulo, onde assisti a aulas de Geografia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Abria-se, assim, uma possibilidade para o entendimento do porquê ter optado pela Geografia. Paralelamente comecei a desenvolver atividades no Centro Acadêmico de Geografia (Caligeo).

Contudo, foi a partir da realização de um minicurso ofertado por Armen Mamigonian, intitulado “Economia Mundial: Análise Geográfica”, que comecei a traçar o que eu queria realmente da Geografia. Ao conhecer o professor, conversamos, por diversas vezes, sobre assuntos ligados à economia brasileira e mundial. O professor passou-me a indicar livros para leitura e para realização dos trabalhos das disciplinas. Foram aconselhados/sugeridos H. Braverman, K. Kaustky, Josué de Castro, Paul Singer, Milton Santos, entre tantos outros. Em vários momentos, nós nos encontrávamos no centro da cidade e, após um café, visitávamos as livrarias. Sem palavras! Momentos inesquecíveis.

O ano de 1986 marcaria definitivamente a minha busca incessante do porquê de minha escolha pela Geografia. Envolvido com os alunos da graduação, via Centro Acadêmico, e com os alunos da pós-graduação do Programa de Geografia da UFSC, passei a freqüentar aulas, minicursos e a Semana de Geografia. Na VII Semageo participei do minicurso ofertado pela professora Magda Lombardo intitulado “A utilização de imagens de satélite na análise geográfica”, “Utilização e conservação de recursos naturais” ministrado por João José Bigarella e “Ensino e geografia no 2º grau” sob a coordenação de Carlos. W. Porto Gonçalves.

Neste mesmo ano, passei a assistir algumas aulas e minicursos ofertados pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da UFSC (PPGG). Um deles “O papel da polarização regional no processo de desenvolvimento econômico” foi ofertado por Michael Storper da Universidade Califórnia Los Angeles (UCLA). Neste minicurso tive a oportunidade de fazer uma saída de campo pela região do Vale do Itajaí. Fomos a Balneário Camboriú, Itajaí, Brusque e Blumenau. Ao retornarmos, Armen Mamigonian solicitou um breve relato da viagem.

O ano de 1987, foi fundamental no direcionamento das minhas intenções na Geografia. Duas disciplinas foram marcantes e determinantes. Uma intitulada Geografia Industrial, ministrada pela professora Raquel Fontes do Amaral Pereira e a outra Economia Brasileira ofertada pelo professor Célio Espíndola do departamento de Economia da UFSC. Na Geografia Industrial realizamos um trabalho de campo no oeste catarinense. Abriam-se os caminhos para começar a pensar em um projeto de pesquisa. Delineavam-se, sob a orientação da professora Raquel Fontes do Amaral Pereira, as primeiras ideias para a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Em 1987, além de cursar as disciplinas na graduação, realizei mais um curso ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Nele, tive o contato com o grande mestre I. Rangel e, que traçaria novas perspectivas para minha formação⁷. Embebedado por leituras realizadas, sobretudo de textos de José de Souza Martins (1981), Bernardo Sorj et al. (1982) e Orlando Valverde (1984), confesso que fiquei confuso e estranhei as idéias de I. Rangel acerca da questão agrária brasileira, pois como afirma Bielschowsky (1996, p.229) “Rangel pensava a questão agrária de forma inteiramente distinta do restante da esquerda brasileira”⁸.

No entanto, Rangel abria uma nova perspectiva. Em sua visão I. Rangel, afirmava que o capitalismo brasileiro desenvolvia-se no campo, dissolvendo gradualmente o complexo rural e destruindo as relações feudais de produção no campo e que, portanto, generalizava as relações capitalistas. A destruição do complexo rural e a transformação do latifúndio feudal em latifúndio capitalista resultavam na criação de um exorbitante exército industrial de reserva, que tenderia a elevar a taxa de exploração do sistema. “A via prussiana, mudando que deveria ser mudado, substitui o latifúndio feudal pelo latifúndio capitalista e não apenas possibilitou a industrialização do País, como permitiu a essa industrialização um impulso extraordinário e energético” (RANGEL 2006, p. 231)⁹.

As idéias de Rangel foram sendo clareadas com a leitura de Mamigonian (1987), que, de forma sistemática, assinala os seguintes pontos: (i) a dualidade básica da

⁷ O professor explicitou a dualidade básica da economia brasileira, os ciclos de Kondratieff, a reforma agrária e as concessões de serviços públicos à iniciativa privada. Essas ideias eram um enigma a ser decifrado. Assim, paulatinamente, fui tendo contato com o pensamento de Ignácio Rangel.

⁸BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento Econômico Brasileiro. O ciclo ideológico do Desenvolvementismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. VALVERDE, O. **Estudos de Geografia Agrária Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1984. SORJ, B. et al. **Camponeses e Agroindústria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. MARTINS, J. de S. **O cativo da terra**. 2. ed. São Paulo: LECH, 1981. MARTINS, J. S. **Camponeses e política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

⁹ RANGEL, I. **Obras Reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

economia brasileira; (ii) o papel dos ciclos longos ou Kondratieff; (iii) o papel dos ciclos breves ou Juglar e; (iv) a capacidade ociosa e os pontos de estrangulamento na economia¹⁰.

Ainda em 1987, participei da VIII Semageo e o Iº Encontro Catarinense de Geografia. No primeiro evento frequentei o minicurso “A questão agrária no Brasil” e, no segundo, “Geografia e subdesenvolvimento”

Em 1988, continuei a cursar as disciplinas no Departamento de Geociências, no Departamento de Economia e no Departamento de Sociologia. Participei ainda da Semana de Geografia, do Encontro Catarinense de Geografia, do IX Encontro Nacional de Geografia Agrária e do VII Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Maceió. No encontro de Maceió, assisti ao minicurso “Introdução ao Estudo de Geografia Política”, ofertado por José W. Vesentini.

Nesse processo, em 1988, dei início à elaboração do meu TCC, cujo objetivo geral foi compreender as relações entre agricultura – indústria. No primeiro capítulo, tratou-se dessa relação do ponto de vista histórico, sobretudo com base na obra de K. Kautsky (1980), acerca da definição de agricultura moderna¹¹. Já no segundo, apresentou-se o processo de modernização da agricultura brasileira pós-1960 e, por fim, analisaram-se alguns aspectos da subordinação da agricultura à indústria no caso da fumicultura¹².

Ainda em 1988, após ter conhecido, nos anos anteriores, Carlos Walter P. Gonçalves, Rui Moreira, Ariovaldo Oliveira, Antônio Carlos R. de Moraes, tive o privilégio não só de conhecer como de compartilhar, por intermédio de Armen Mamigonian, conversas e diálogos com Milton Santos. Conversamos sobre o seu livro “O Espaço dividido” (1979) e sobre a Geografia. Ele questionou-me a respeito do “VII Encontro Nacional de Geógrafos”. A relação de amizade, respeito e admiração por ele aumentou, especialmente quando fui realizar o mestrado na Universidade de São Paulo (USP). Armen Mamigonian, recém-integrante do programa de pós-graduação, não tinha cota de bolsas, foi quando o Professor Milton Santos disponibilizou uma bolsa para que eu pudesse continuar os estudos.

¹⁰ MAMIGONIAN, A. Introdução ao pensamento de Ignácio Rangel. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 63-71, UFSC, Florianópolis, 1987. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/12622/11783>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹¹ KAUTSKY, K. **A questão agrária**. 3. ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

¹² Agradeço imensamente a professora e orientadora Raquel F. do Amaral Pereira (in Memoriam). Também agradeço ao professor Ewerton Vieira Machado pela paciência em reler a versão final e fazer sugestões.

Saliento e registro que as disciplinas, as semanas de Geografia e os minicursos realizados, foram determinantes, não apenas na elaboração do meu TCC, como orientou-me para dar continuidade nos caminhos da Geografia.

1.3- Nos caminhos da Geografia

Terminado o TCC, aventurei-me a fazer o mestrado na USP, sob a orientação de Armen Mamigonian. Meu projeto era estudar as relações existentes entre as agroindústrias do oeste catarinense e os pequenos produtores integrados. Entretanto, as disciplinas que frequentei: Industrialização e Organização Espacial (A. Mamigonian), A Questão Agrária e o Capitalismo (José C. A. Gnaccarini), América Latina: Geografia e Desenvolvimento Alternativo (Germán Wettstein), Construção do Espaço e Política – Subsídios para uma renovação da Geografia Política (José W. Vesentini) e Reorganização do Espaço Geográfico na fase Histórica atual (Milton Santos), começaram a trazer novos subsídios para a pesquisa proposta. Destaco ainda a contribuição dos ciclos de debates que realizávamos no Laboratório de Planejamento (Laboplan), sob a coordenação de Armen Mamigonian, Maria A. de Souza, Rosa E. Rosini e M. Santos.

Durante a realização do mestrado, participei da palestra “Meio Técnico-científico e Urbanização”, do “Simpósio Nacional sobre o pensamento de I. Rangel” e do encontro internacional “Lugar, formação sócio espacial mundo”. No encontro internacional, apresentei o trabalho “A dinâmica territorial das agroindústrias do oeste catarinense: o caso Sadia”. Já no simpósio nacional, expus a comunicação intitulada “Considerações acerca do complexo rural do oeste catarinense”.

A conclusão do mestrado aconteceu em abril de 1996 e contou com a participação na banca avaliadora de A. Mamigonian (orientador), Milton Santos e Maria Encarnação B. Spósito. A dissertação “As Agroindústrias do Oeste Catarinense: o caso Sadia” tratou de demonstrar a gênese e evolução do capitalismo agroindustrial do oeste catarinense. Todavia, a análise não ficou restrita somente ao grupo Sadia. Fez-se uma comparação entre esse grupo e os demais da região estudada (Perdigão, Ceval e Chapecó). Essa dissertação foi publicada pela editora Grifos sob o título de “As Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia” (ESPÍNDOLA, 1999).

O desmembramento da dissertação resultou ainda na publicação do artigo “A Dinâmica Territorial das Agroindústrias do Oeste Catarinense: o caso Sadia (ESPÍNDOLA, 1997) como capítulo de livro e de textos em periódicos como, por exemplo, a “Formação sócio-espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (notas)”, publicado na Revista Experimental (ESPÍNDOLA; SILVA, 1997); “Competitividade das agroindústrias do oeste catarinense no âmbito do Mercosul: considerações preliminares”, publicado na revista Geosul (ESPÍNDOLA, 1999); “Os investimentos agroindustriais no centro-oeste brasileiro”, presente na revista Paranaense de Geografia (2001); “O real, a indústria avícola e as estratégias empresariais”, publicado na revista de Geografia (ESPÍNDOLA, 2001), e nos anais do Congresso de História e Geografia “Gênese e capacidade competitiva das agroindústrias do oeste catarinense” (ESPÍNDOLA, 1997).

Em 1998, regressei à USP para cursar o doutorado com o projeto de pesquisa que objetivava desvendar as estratégias econômicas e espaciais das agroindústrias atuantes na cadeia produtiva de carne de frango de corte do Sul do Brasil¹³. Entretanto, a partir das conversas com o orientador e da disciplina Organização Industrial, ministrada pelo professor Sergio B. de Holanda Filho da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), com quem tive a oportunidade de discutir os textos de Schumpeter, C. Freeman, Carlota Perez, N. Rosenberg, Steindl e A. Chandler, resolvi ampliar o escopo da pesquisa para as cadeias produtivas de carne suína, frango e bovina do Sul do Brasil, dando ênfase não apenas à gênese e evolução, mas também às questões referentes às inovações técnicas, produtivas e organizacionais e as estratégias empresariais¹⁴. Destaco ainda que, durante a realização do doutorado, o

¹³ O termo cadeia (*Filière*) produtiva originou-se na Escola francesa de Organização Industrial (Neves, Fava Marcos N. **Vai agronegócio! 25 anos cumprindo missão vitoriosa**. Editora Canaoeste 1ª ed., 2016). Cadeia Produtiva toda a rede que se forma por diversos atores que geram relações de força coletiva, que juntas influenciam diretamente nas estratégias de produção e de mercado, assim como a tomada de decisão de cada um dos atores (JANK, M.S., FARINA, M.Q., GALAN. V.B.. **O Agribusiness do leite no Brasil**. Editora Milkbizz, São Paulo. 1999). As cadeias produtivas consideram três subsistemas: produção (indústrias de insumo, produção agrícola e processamento de alimentos), transferência (sistemas de transporte e armazenagem) e consumo (análises de demanda, preferência dos consumidores, estudos de marketing em geral) (NEVES, op. cit. p.21)

¹⁴ MCGRAW, T. K. (Org.). **Alfred Chandler: ensaios para uma teoria histórica da grande empresa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. STEINDL J. **Maturidade e estagnação no capitalismo americano**. Abril Cultural, coleção Os Economistas, 1983. ROSENBERG, Nathan e FRISCHTAK, Cláudio R. **Inovação Tecnológica e Ciclos de Kondratiev**. In: Pesquisa e Planejamento Econômico, 13(3). Rio de Janeiro, 1983. FREEMAN, C. & PEREZ, C. (1988) “**Structural Crises of Adjustment, Business Cycles and Investment Behaviour**”. In: DOSI, G. et al. (Ed.). **Technical Change and Economic Theory**. London: Pinter Pub. CHANDLER, A. **Scale and Scope**. Cambridge, Mass: Harvard University Press. 1990. SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984;

professor Paulo de Tarso, da FEA-USP, contribuiu com as discussões que fazíamos em torno dos textos de Lênin e I. Rangel¹⁵.

Durante a realização do doutorado, participei da Semana de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), debatendo o filme “A Revolução de 30”, e do seminário internacional “O neoliberalismo no Brasil e no mundo: Sociedade e espaço nos anos 90”. Nele apresentei o trabalho “O real, a indústria avícola e as estratégias empresariais”. Ministrei ainda, para os professores da rede pública da Prefeitura de Florianópolis o minicurso “A formação dos blocos regionais”. Na XXI Semageo ofertei o minicurso “O Rural e o Urbano hoje”.

A tese foi defendida em 2002 e contou com a presença de Armen Mamigonian (orientador), Ariovaldo U. de Oliveira, Francisco C. Scarlato, Miguel G. Benites e Sergio B. de Holanda Filho. O objetivo geral da tese foi demonstrar os processos de reestruturação técnico-econômica no interior das agroindústrias de carne do Sul do Brasil nos anos 90. A questão central foi: Quais foram as principais determinações nos processos de reestruturação técnico-econômica das agroindústrias de carne do Sul do Brasil nos anos de 1990?

A tese partiu, então, da hipótese de que a diferença, entre as empresas atuantes nas diferentes cadeias produtivas, quanto à capacitação tecnológica, escalas de produção, diferenciação de produtos, estrutura gerencial, marketing, distribuição, expansão horizontal geográfica, internacionalização, etc. decorre de um ambiente de acirrada concorrência interfirmas, tanto do ponto de vista nacional quanto internacional, por múltiplas determinações condicionadas por suas trajetórias históricas e geográficas. As variadas determinações constituem-se fator determinante das estruturas geoeconômicas das empresas.

A exemplo da dissertação, a tese resultou em diferentes artigos que foram publicados em capítulos de livros, em periódicos e em anais de eventos. Nesse sentido, destaca-se o capítulo de livro intitulado “A gênese das agroindústrias de carne de Santa Catarina” (ESPÍNDOLA, 2002), os artigos “Tecnologia e as novas relações de trabalho

¹⁵ **Teoria do Desenvolvimento Econômico.** São Paulo: Abril Cultural, 1985. LENIN, V. **O Capitalismo na Agricultura:** o livro de Kautsky e o artigo do senhor Bulgákov. In: SILVA, J. G. da; STOLCKE, V. (Org.). **A Questão Agrária.** São Paulo: Brasiliense, 1981. LÊNIN, V. **Desenvolvimento do capitalismo na Rússia:** o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1982. RANGEL, I. M. Obras Reunidas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

nas agroindústrias de carne do Sul do Brasil” (ESPÍNDOLA, 2002), “Flexibilidade e mobilidade nas agroindústrias de carne do Oeste Catarinense” (ESPÍNDOLA, 2003), “O potencial brasileiro no mercado mundial de carnes” (ESPÍNDOLA, 2004), “Reestruturação agroindustrial e comercial no Brasil” (ESPÍNDOLA; BASTOS, 2005) e “Trajetórias do progresso técnico na cadeia produtiva de carne de frango no Brasil” (ESPÍNDOLA, 2012).

Em anais de evento, destacam-se “A gênese da estrutura produtiva de carne do Sul do Brasil: Charqueadas e Frigoríficos” (ESPÍNDOLA, 2002), “O impacto do Plano Real no comportamento do mercado interno de carnes” (ESPÍNDOLA, 2003), “Desenvolvimento recente da Agroindústria no Brasil” (ESPÍNDOLA, 2004), “Desenvolvimento Biotecnológico das agroindústrias de carne no Brasil” (ESPÍNDOLA, 2004), “Brasil: competitividade no comércio mundial de carnes X barreiras protecionistas” (ESPÍNDOLA, 2005) e “As reformas dos anos 90 e a dependência tecnológica nas agroindústrias de carne no Brasil: o caso da genética animal” (ESPÍNDOLA, 2005).

O resultado da tese foi ainda apresentado em eventos em forma de minicursos e palestras, como no VIII Encontro de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e no IIº Encontro de Geografia do Sudoeste do Paraná; na XX Semana de Geografia, na Universidade de Londrina, em 2003; no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado em Goiânia, em 2004; na XXVIII Semageo, da UFSC, realizada em 2003; o minicurso, transformado em projeto de extensão, “Geografia e reestruturação comercial e industrial”, na 15ª Semana do Geógrafo, realizada em Curitiba, em 2002, e o minicurso “Desenvolvimento regional e urbano: indústria, comércio e transporte no sul do Brasil”, na XXIII Semageo.

A continuidade da minha formação foi completada em 2010, quando resolvi fazer, sob a supervisão de Antoni Tulla, um estágio pós-doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona. A pesquisa lá realizada analisou o papel desempenhado pelo progresso técnico na evolução, desenvolvimento e reestruturação produtiva e territorial da cadeia mercantil de carne suína no Brasil e na Espanha. Duas questões foram centrais na investigação: Qual o padrão das inovações tecnológicas no desenvolvimento e no desempenho da cadeia produtiva de carne suína na Espanha se comparado com o Brasil? Quais seus impactos em termos produtivos e territoriais?

A pesquisa final resultou na publicação de dois artigos: um na revista GEOUSP: Espaço e Tempo, intitulado “Desenvolvimento e progresso técnico na cadeia produtiva

de carne suína na Espanha” (ESPÍNDOLA, 2014a), e outro no Caderno do Núcleo Urbano (CaderNau) “Mudança Técnica na cadeia mercantil de carne suína no Brasil” (ESPÍNDOLA, 2011). Ademais, na íntegra, o relatório final foi publicado no livro “Geografia Econômica: pesquisa e ensino na ação docente” (ESPÍNDOLA; JUNIOR, 2015). Em 2011, apresentei parte da pesquisa no IX Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Já em 2014, participei do 1º Simpósio Nacional de Geografia Econômica e Social, em Maceió, onde apresentei o artigo “Considerações sobre a inserção recente do Brasil no agronegócio de carne suína” (ESPÍNDOLA, 2014 a).

Em termos gerais, na minha formação, percorri uma trajetória visando desvendar a dinâmica geoeconômica das agroindústrias de carne e suas respectivas cadeias produtivas. Esse caminho veio sempre acompanhada de participação em eventos, apresentações de trabalhos e publicações de artigos. Essas atividades fizeram-se conjuntamente com as atividades de ensino e orientação de trabalhos de TCC, dissertações, teses e estágio pós-doutoral.

IIª- Parte: Ensino: um processo de aprendizado

“Se não morre aquele que escreve um livro e planta uma árvore, com mais razão não morre o educador que semeia vida e escreve na alma.”
(Bertolt Brecht)

2.1- Graduação

Ingressei como professor da UFSC em 1998. Entretanto, minha experiência advém da época que iniciei o mestrado em São Paulo. Assim sendo, com o apoio de Francisco C. Scarlato, passei a ministrar aulas na Faculdade e Colégio Álvares Penteadado, na Associação de Cultura e Ensino e no Centro Educacional João Paulo I.

Na Faculdade Álvares Penteadado, além de ministrar as aulas de Economia dos Recursos Naturais (4º ano do curso de Economia), Geografia Econômica (1º ano de Administração e Ciências Contábeis) e Geopolítica Brasileira (2º ano de Economia), participei como examinador de monografia dos cursos de Ciências Econômicas. Foi uma experiência ímpar trabalhar com graduação, 2º grau e 1º grau. Na Faculdade

Álvares Penteadó, participei do minicurso “Workshop de psicopedagogia do Ensino Superior.”

Em 1996, retornei a Florianópolis e assumi uma vaga como professor substituto na Faculdade de Educação da UDESC (FAED). Na graduação, ministrei regularmente as disciplinas de Desenvolvimento Regional e Urbano II, Geografia de Santa Catarina, Geografia Regional I e II, Geografia do Brasil, Geografia Aplicada ao Planejamento Regional e Urbano, Geografia Econômica e Análise dos Recursos Ambientais.

Outra experiência que tive foi ministrar aulas no projeto Magister¹⁶. No município de Ibirama/SC, descobri como era a realidade dos professores da rede estadual de ensino que ministram aulas sem terem passado por um curso superior. Fiquei assustado no primeiro encontro com a turma, sobretudo em função de como eles viam a geografia e como repassavam para os seus alunos os conceitos e temáticas da disciplina. Chamou ainda a minha atenção o alto grau de dependência em relação aos livros didáticos. Não obstante, constituiu-se um grande desafio, que me estimulou não apenas a participar de um encontro ministrando Evolução do Pensamento Geográfico, como ainda apresentei a discussão sobre Geografia da População e Geografia Agrária. Valeu a pena!

Ao mesmo tempo em que me envolvia com a graduação na UDESC, participei do curso de especialização, ministrando a disciplina Fundamentos de Análise Regional e no Programa Especial de Treinamento (PET). Na especialização, orientei as monografias das alunas Eloisa Barreto Klein e Ana Alice Maciel. No PET, orientei a aluna Simone P. Lorenzoni e participei do projeto de pesquisa intitulado “A indústria de Papel e Papelão no Planalto Catarinense”¹⁷.

Ainda em 1996, participei do ciclo de ideias e debates do PET Geografia/ XVII Semana de Geografia da UFSC: Industrialização e formações regionais catarinense, 6º Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em Buenos Aires. Fui ainda membro na mesa redonda “O Plano Diretor”, promovido pelo Núcleo de Estudos Ambientais, e participei do encontro internacional “O mundo do cidadão. Um cidadão do mundo”, expondo a temática “O conceito de formação sócio espacial e a compreensão da globalização”. No Congresso de História e Geografia de Santa Catarina, fui conferencista do tema a “Questão Agrária e a relação sociedade e

¹⁶ O Projeto Magister era um Projeto desenvolvido pela Secretaria Estadual de Educação em parceria com as Universidades, visando à formação de professores que não possuíam nível superior.

¹⁷ Gostaria de deixar aqui meus sinceros agradecimentos a Maria Graciana E. D. Vieira e a Isa de Oliveira Rocha que me receberam no PET.

natureza” e participei do minicurso “Centro do sistema, mudanças em andamento”, ministrado por Armen Mamigonian.

2.2- O percurso na UFSC

Como afirmei, ingressei na UFSC em meados de 1998, como professor efetivo. Contudo, fui professor substituto no ano de 1997 e ministrei duas disciplinas: Teoria Regional e Geografia Humana e Econômica. Na graduação, lecionei regularmente as disciplinas de Teoria Regional, Organização Macrorregional do Espaço Mundial e Geografia da população. Entre 2000-2002, fui afastado para concluir meu doutoramento na USP.

Ao retornar as minhas atividades de docência, ministrei as disciplinas: Organização Macrorregional do Espaço Mundial, que foi transformada pós-2007 em Organização do Espaço Mundial, Geografia Industrial, Fundamentos de Economia Política, História do Pensamento Geográfico e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em 2017 e 2018/1, concentrei-me em uma única disciplina: Organização do Espaço Mundial¹⁸.

Nessas disciplinas ofertadas, realizei inúmeras saídas de campo, pois o trabalho de campo desempenha papel fundamental na compreensão e descrição dos fenômenos naturais e sociais que compõem o espaço geográfico¹⁹. Foram realizadas saídas de campo para o Oeste catarinense, São Paulo e interior, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná, Mato Grosso do Sul, entre outros estados.

Muitas delas eram agendadas juntamente com os eventos que ocorriam na Geografia, como, por exemplo, Porto de Paranaguá: rede de transporte e integração territorial, na Semana do Geógrafo, em Curitiba; 1º Congresso Curitibano de Geografia,

¹⁸ Na disciplina Organização do Espaço Mundial tem como objetivo desvendar as relações existentes entre Geopolítica e Geoeconomia no processo de organização do espaço geográfico mundial. A Geografia Industrial visa compreender o processo de industrialização clássica e tardia. Fundamentos de Economia Política apresenta a evolução do pensamento econômico e qual a sua importância para os estudos geográficos. História do Pensamento Geográfico apresenta inicialmente as duas gêneses da Geografia (Grego com Heródoto e a Alemã com Humboldt e Ritter) e traça uma análise das diferentes escolas do pensamento geográfico. Por fim, TCC é uma disciplina que orienta a pesquisa a partir pressupostos teóricos metodológicos.

¹⁹ TRICART, J. O campo na dialética da geografia. **In: Revista do Departamento de Geografia**, 19, 2006 p. 104-110. Segundo Santos (1985, p. 27), “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

5º Congresso Curitibano de geografia, III ENSULGEO, realizado em Francisco Beltrão; XV Encontro Nacional de Geógrafos, Simpósio de Pós-Graduação em Geografia, realizado em Santa Maria; IX ENANPEGE VIº, realizado em Goiânia; Quinta Jornada de História Econômica, 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em Montevideu; I SENGES em Maceió; Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em Santiago do Chile²⁰. Muitos desses eventos foram transformados em projetos de extensão.

As atividades de docência na graduação combinavam-se com as orientações dos alunos na elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Foram ao todo dezoito trabalhos divididos em quatro temáticas: Transformações socioespaciais (8), Industrialização (4), Agricultura e cadeias produtivas (5) e Geopolítica (1), conforme a seguir discriminado. Desse total, quatro alunos seguiram sob minha orientação no Mestrado (Joel J. de Souza, Humberto P. Navarro Stolz, Janaina Ramos e Emanuela Wenning).

Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação (UFSC)

Victor Daltoé dos Anjos. A geografia política do imperialismo capitalista e a militarização do espaço. UFSC, 2017.

Thiago Luiz Bezerra. Considerações sobre violência e segurança pública. 2016.

Mario Will. A dinâmica geoeconômica do município da Palhoça: 2000-2014. 2015.

Emanuela Francisca Wenning. Centralidades intra urbanas em Blumenau: o caso do Bairro Salto Norte. UFSC, 2014.

Patricia V. Schatz. A pátria de chuteiras: a copa do mundo de 2014 e os investimentos do PAC em Porto Alegre. UFSC, 2014.

Thiago Caldeira de Andrade. Florianópolis, caminhos do passado: transformações urbanas na cidade de Florianópolis no final do século XIX. UFSC, 2014.

Livia Maria H. Rodrigues. O discurso dos treinamentos organizacionais no mundo do trabalho na atualidade do sistema capitalista. UFSC, 2014.

²⁰ Essa saída de campo foi realizada com os alunos da graduação e um grupo de professores, dentre eles, A. Mamigonian, Luis F. Scheibe, Maria L. P. Hermann, Ângela V. Beltrame, Geruza Duarte, Margareth A. Pimenta, Magaly Mendonça, J. Messias Bastos. Entretanto, em razão dos cortes orçamentários do Governo Federal com a educação e a burocracia reinante, estão se tornando cada vez mais inviáveis as saídas de campo com os alunos.

Daniele Dalla Rosa. O geógrafo Ivo Sostizzo e seu papel no IPUF - Florianópolis/SC. UFSC, 2009.

Procópio Pires Júnior. Geografia do futebol catarinense: o caso do Figueirense Futebol Clube. UFSC, 2008.

Marcos Camilo Panisson. Considerações geoeconômicas do Mato Grosso: o caso dos municípios de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde. UFSC, 2008.

Lucas Possedente Emerique. Gênese e Desenvolvimento da Produção da maçã em Santa Catarina. UFSC, 2006.

Joel José de Souza. A cadeia produtiva de laticínios em SC. UFSC, 2006.

Humberto Pisani Navarro Stotz. A indústria do surf no litoral de Santa Catarina - o caso da Mormaí. UFSC, 2006.

Cesar Santos Farias. Florianópolis: Considerações sobre a Urbanização e a Indústria de pré-moldados. UFSC, 2005.

Janaina Ramos. Evolução da Produção de Arroz Irrigado na Microrregião de Araranguá. UFSC, 2005.

Rocelito S. Coelho. A História e a Industrialização dos Refrigerantes de Santa Catarina: Max Wilhelm, Luiz Kienen, Água da Serra, Leonardo Sell, Leoni, Thomsen, Luz & Cia e Kilsen. UFSC, 2003.

Juliana Pille da Silva. O processo de Transformação Socio-Espacial no município de ITA/SC, após a instalação da Usina Hidrelétrica. UFSC, 2003.

Carlos José Ribeiro da Silva. O Mercosul e a reestruturação produtiva na agroindústria. UFSC, 2000.

2.3- Pós-Graduação

Ao mesmo tempo em que ministrava aula na graduação e orientava trabalhos de TCC, ingressei, em 2002, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Assim em 2003, resgatei a disciplina intitulada Análise Regional: Indústria, que, em 2012, foi substituída, por solicitação da CAPES, por Tecnologia, Industrialização e Organização do Espaço. Enquanto a primeira buscava traçar historicamente os processos de industrialização mundial e regional, a segunda tem como objetivo identificar o papel da tecnologia nos processos de industrialização e na organização do espaço, pois “a base técnica da sociedade e do espaço constitui hoje, um dado

fundamental da explicitação histórica, já que a técnica invadiu todos os aspectos da vida humana, em todos os lugares” (SANTOS, 1996, p. 67)²¹. O conteúdo técnico científico do espaço permite, em áreas cada vez mais extensas, a produção de um mesmo produto em quantidades maiores e em tempo menor” (SANTOS, 1996, p. 68 op. cit.).

Ministrei ainda outras disciplinas, como Leitura Dirigida, Dinâmica Sócio Espacial da Ásia, O Brasil e a Economia Mundial, Seminário de Pesquisa e Desenvolvimento Econômico e Dinâmicas Territoriais: Industrialização e tecnologia na produção do espaço agrário²². Em 2014, transformei a disciplina Desenvolvimento Econômico e Dinâmica Territoriais: Industrialização e tecnologia na produção do espaço agrário, na disciplina do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, Dinâmica Capitalista da Agricultura Brasileira. O objetivo geral é identificar o impacto da modernização conservadora (dinâmica) na configuração do novo padrão da agricultura brasileira e a sua relação com a economia mundial. Essa disciplina também foi ofertada em 2014, como projeto de extensão no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e no Programa de Pós-Graduação da Unioeste.

A disciplina Dinâmica Sócio-Espacial da Ásia, ministrada em 2007/2, tinha como objetivo desvendar os principais fatores responsáveis pelo dinamismo econômico Chinês na economia mundial. O fruto dessa disciplina foi a publicação de um artigo nos Anais de Geografia Econômica e Social intitulado como “Notas sobre o agronegócio na China” (ESPÍNDOLA, 2008).

A experiência das disciplinas de TCC, História do Pensamento Geográfico na graduação e de Seminário de Tese na pós-graduação foi consubstanciada por um resgate aos autores clássicos da Geografia. Na Pós-Graduação, a disciplina visava responder: quais as mudanças ocorridas ao longo do tempo em termos de leis, conceitos e teorias na construção da ciência geográfica? Parte-se do princípio de que “a geografia responde, como outros conhecimentos, à necessidades de descrição e explicação do mundo: da natureza que nos envolve e cujas leis de funcionamento nos interessa, bem como da sociedade, cujas leis, mais complexas e mutáveis, igualmente fazem parte do

²¹ SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1996

²² A última disciplina aqui listada decorreu de uma experiência que tive em 2009, na cidade de Francisco Beltrão quando fui convidado para ministrar aula no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unioeste. Essa experiência repetiu-se em 2012 e 2016. Essas atividades constituíram-se em projetos de extensão.

interesse dos homens”²³. Para tanto, tracei uma trajetória buscando, desde as gêneses da Geografia (Gregas e Alemãs) até a escola francesa, os principais pressupostos teórico metodológicos utilizadas para desvendar e explicar a realidade. O resultado final foi a publicação de um artigo como capítulo de livro intitulado “Considerações sobre a Geografia: Muitas estrelas, pouca constelação” (ESPÍNDOLA, 2018).

Já a disciplina Brasil e a Economia Mundial foi transformada em palestra e apresentada sob o título: “Dinâmica da crise da econômica atual”, vinculada à disciplina Desenvolvimento econômico e dinâmica espacial no mundo contemporâneo, do Programa de Pós-Graduação da Unioeste, em 2013.

Ainda na pós-graduação participei entre 2003-2011 da avaliação dos projetos de dissertação na disciplina Seminário do Curso e na disciplina Seminário de Tese (treze participações ao total). Participei de 66 bancas de TCC, duas bancas de especialização, 55 bancas de qualificação de mestrado, 57 bancas de mestrado, 42 bancas de qualificação de tese e 53 bancas de doutorado. Bancas essas que se fizeram na UFSC, na UDESC, na USP, na Universidade Estadual Paulista (UNESP- Presidente Prudente e Rio Claro), na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD- Dourados), na Unioeste (Francisco Beltrão), na Universidade de Londrina (UEL- Londrina), na Universidade Estadual de Maringá (UEM- Maringá) e na Universidade Federal de Alagoas (UFAL- Alagoas).

Além de ministrar aulas na graduação e na pós-graduação, e participar de bancas, passei a direcionar esforços nas orientações de dissertações, teses e supervisão pós-doutoral. Dos 21 alunos orientados no mestrado, quatro fizeram doutorado sob minha orientação (Paulo H. Schilikmann, Joel José de Souza, Helton Rosa e Anderson Bertholi). Foram ao todo 31 orientações, incluindo doutorado e mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, conforme segue:

Orientações de Mestrado:

Luis Carlos Valente. As empresas de capital aberto de Santa Catarina: um estudo geoeconômico. UFSC 2018.

Horacio M. Melo Pisson. Estudo Geoeconômico da cadeia produtiva de papel e celulose no Uruguai. UFSC 2018.

²³ MAMIGONIAN, A. Gênese e objeto da Geografia: passado e presente. **Geosul**, v. 14, n. 28, p. 167-170, 1999.

Emanuela F. Wenning. Centralidade intra-urbana na cidade de Blumenau. 2017.

Roberto César Costa Cunha. Gênese e dinâmica da cadeia produtiva da soja no sul do Maranhão. UFSC 2015.

Helton Rogério da Rosa. Gênese evolução crise e reestruturação da indústria calçadista catarinense. UFSC 2014.

Rosimar Bizelo Muller. Estudo geográfico do processo de industrialização de Timbó-SC. UFSC 2012.

Paulo Henrique Schlickmann. Estudo Geográfico das indústrias de plástico de São Ludgero-SC. UFSC 2012.

Janaina Ramos. Evolução da produção de arroz irrigado na microrregião de Araranguá - SC. UFSC 2011.

Christina Martinez Hipólito. Concessões de rodovias em Santa Catarina. 2011.

Raquel Lage. Anos 90: a inserção das corporações multinacionais na economia catarinense. UFSC 2009.

Joel José de Souza. A gênese e o desenvolvimento da indústria de laticínios do Oeste de Santa Catarina. UFSC 2009.

Israel Montesuma Oliveira. A expansão urbana da região metropolitana de Florianópolis e a formação socio-espacial da comunidade de frei Damião. 2009.

Dennison Benetti Rodrigues. A industrialização do município de Francisco Beltrão/PR: o caso da indústria moveleira. UFSC 2008.

Lucas Possedenti Emerique. Origem do desenvolvimento e panorama atual da cadeia produtiva da maçã em Santa Catarina. UFSC 2008.

José Costa Ayres Junior. A Organização das quebradeiras de coco e a refuncionalização do espaço regional. UFSC 2007.

Rogério de Souza Mosimann. Considerações sobre implicações da internet nos jornais e a presença da RBS na WEB. UFSC 2007.

Humberto Pisani Navarro Stotz. A origem e o desenvolvimento da indústria de equipamento para o surf e a moda *surfwear* no litoral catarinense: o caso da Mormaíi. UFSC 2007.

Anderson W. Bertholi. O lugar da Pecuária na Formação sócio-espacial sul mato-grossense. UFSC 2006.

Vandré Bolivar P. de Albuquerque. Especulação e valorização na Palhano em Londrina: Rítmicas pelo espaço e tempo de produção condominial. UFSC 2005.

Orientações de Teses:

Paulo Henrique Schlickmann. A produção brasileira de embalagens plásticas inovadoras para a indústria de alimentos. UFSC 2018.

Pablo Jonas Camilo. A dinâmica geoeconômica da comercialização, logística e transporte da cadeia produtiva do leite na região sul do Brasil. UFSC 2018.

Marinez da Silva Mazzochin. Dinâmica geoeconômica do setor florestal brasileiro: da gênese à reestruturação. UFSC 2016.

Silvia Cristina Limberger. Estudo geoeconômico do setor cervejeiro no Brasil: estruturas oligopólicas e empresas marginais. UFSC 2016.

Fernando Rodrigo Farias. A dinâmica geoeconômica do cooperativismo agropecuário do sul do Brasil. UFSC 2015.

Joel José de Souza. O complexo Agroindustrial de Laticínios no Brasil: o caso da Região Sul. UFSC 2014.

Amarildo Kanitz. Parques Tecnológicos e incubadoras constituídos no Estado de Santa Catarina: um estudo geográfico. UFSC 2013.

Anderson Willians Bertholi. Peculiaridades do desenvolvimento no Mato Grosso do Sul: formação socioespacial e pecuarização. UFSC 2012.

Margarida de Cassia Campos. A Embrapa - Soja em Londrina-PR e a pesquisa agrícola de um país moderno. UFSC 2009.

Edson Tele Campos. A Expansão Urbana na Região Metropolitana de Florianópolis e a Dinâmica da Indústria da Construção Civil. UFSC 2009.

Supervisão de pós-doutorado:

Tania Maria Fresca. Londrina como centro de Gestão do território: uma análise a partir das atividades públicas e privadas. UFSC ,2016.

2.4- Perspectivas unificadoras

As temáticas orientadas foram variadas, mas, de modo geral, podem ser divididas em alguns eixos: Indústria, Cadeias Produtivas e Urbano. Apesar desses grandes eixos, as pesquisas realizadas e em andamento estão assentadas direta e/ou indiretamente em alguns pontos comuns.

O primeiro aspecto em comum de todas as orientações é o caminho trilhado na área de Geografia Econômica. A Geografia Econômica, uma subárea da Geografia Humana, formada a partir de meados do século XIX, passou, nos últimos cinquenta anos, por profundas transformações (EGLER, 1994; CLAVAL, 2012)²⁴.

Entretanto, procurando fugir de uma certa concepção de Geografia Econômica marcada pelo reforço do “localismo”²⁵, utiliza-se a categoria de formação socioespacial desenvolvida por Milton Santos, como aporte teórico metodológico²⁶. A categoria de formação socioespacial decorre da ideia de formação econômico-social elaborada por Marx e Engels e sistematizada por Lênin²⁷. Didaticamente ela expressa a unidade das esferas econômica (forças produtivas e relações de produção), social, política e cultural da vida de uma sociedade. Ela se manifesta na continuidade e, ao mesmo tempo, na descontinuidade de seu desenvolvimento histórico²⁸.

Santos (1977) esclarece que a formação econômica e social é indissociável da realidade histórico-concreta, geograficamente localizada. Assim, a noção de FES adquire o status de formações históricas e geograficamente localizadas, isto é, formações socioespaciais. Contudo, nas pesquisas dos alunos, procuramos utilizar a categoria na escala nacional e regional, pois as diferenciações espaciais das formações sociais são constituídas por particularidades histórico-genéticas da totalidade das diferentes esferas em um ambiente social e geograficamente dado, pois “a análise

²⁴ EGLER, C. Que fazer com a geografia econômica neste final de século? 1994. Disponível em: <http://www.egler.com.br/pdf/Que%20fazer.pdf>. CLAVAL, P. A diversidade das geografias econômicas. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 7-20, 2012. Paul Claval (2012) define a sua evolução em quatro grandes fases: a primeira, chamada de geografia clássica; a segunda, de geografia econômica de inspiração econômica; a terceira, de geografia econômica e economia política; e a quarta, de alter-geografias econômicas (anarquista, cultural, antropológica, etc.). Em sua conclusão, o autor afirma que a geografia econômica atual combina os estudos sobre a economia da informação e da comunicação, os distritos industriais, a economia do conhecimento, a influência da cultura no domínio do consumo, a flexibilidade, os circuitos econômicos solidários, os estudos da metropolização, os estudos sobre globalização, as questões ambientais, entre outros.

²⁵ Segundo Brandão (2014, p. 38), a “endogenia exagerada das localidades crê piamente na capacidade das vontades e iniciativas dos atores de uma comunidade empreendedora e solitária, que tem controle sobre seu destino e procura promover sua governança virtuosa lugareira”. BRANDÃO, C. **Território & desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o global e o local. Campinas: Unicamp, 2014.

²⁶ SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1977. A Ausência da categoria de formação socioespacial nos estudos de geografia econômica resultam em alguns estudos destituídos de conteúdo histórico-econômico sobre a lei do desenvolvimento desigual da economia capitalista. Em muitos casos, reforça-se na estrutura econômica o papel ativo do espaço e o seu conteúdo histórico-social. Trata-se, muitas vezes, de uma espaciologia estéril. Ver ESPINDOLA, C. J.; SILVA, M. A. Formação sócio-espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (notas). **Experimental**, São Paulo, Ano II, n. 3, p. 1997.

²⁷ LÊNIN, V. I. Quem são os “amigos do povo” e como lutam contra os social-democratas. **Obras Escolhidas**. Volume 1, Portugal: Vitória, 1955.

²⁸ SERENI, E. La Categoría de Formación Económico-social. **Cuadernos de Pasado y Presente**. Córdoba, Argentina: Siglo XXI, 1976.

geográfica dos fenômenos requer a consideração da escala em que eles são percebidos” (CASTRO, 1992, p. 21)²⁹.

O segundo ponto em comum nas pesquisas orientadas diz respeito à relação existente entre geração, introdução e difusão de inovações técnicas e organizações. A inovação é uma mudança revolucionária que emerge no seio do sistema capitalista, que revoluciona os processos de produção de forma contínua e descontínua ao longo do tempo (SCHUMPETER, 1984 op. cit).

Não se trata de defender a tese de que as forças tecnológicas são o fator decisivo na geração das mudanças sociais e econômicas, mas sim ressaltar que “a história do progresso técnico é inseparável da história da própria civilização” (ROSEMBERG, 2006, p.17)³⁰. A relação entre geração, introdução e difusão das inovações, é inserida na perspectiva teórica dos ciclos de acumulação propostos por N. Kondratieff³¹.

A terceira questão em comum aos trabalhos é a utilização da perspectiva teórica proposta por I. Rangel acerca dos ciclos médios de acumulação no Brasil, as dualidades básicas e capacidade ociosa e pontos de estrangulamentos na economia brasileira³².

²⁹ CASTRO, Iná E. de. Análise geográfica e o problema epistemológico da escala. **Anu. Inst. Geoc.** (online). v. 15, 1992. p 21-25. Disponível em:

<<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/download/1505/1394>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

³⁰ ROSEMBERG, N. **Por Dentro da Caixa Preta: tecnologia e Economia.** Clássicos da Inovação. Campinas:Unicamp, 2006. progresso técnico deve ser visto: Como certos tipo de conhecimento que tornam possível produzir a partir de uma quantidade de recursos:1) Um volume maior de produtos e 2) Um produto qualitativamente superior. Para tanto, ele é composto uma natureza, um ritmo, uma direção, uma difusão e um impacto na produtividade (ROSEMBERG, op. cit.).

³¹ Na hipótese de Kondratieff, a economia mundial desenvolve-se em ciclos de cinquenta anos, divididos em fases expansivas (25 anos) e fases depressivas (25 anos). Na fase ascendente ocorre de uma explosiva “fase de crescimento em novas e importantes indústrias e tecnologias. Esse movimento ascendente torna-se possível somente a partir da realização prévia e bem sucedida, não importando as datas, de certas inovações básicas anteriores, tais como o automóvel e várias inovações elétricas nos anos 1880 e 1890, ou o computador, a televisão, os aviões a jato e grupos de materiais sintéticos nos anos 1930 e 1940” (FREEMAN, 1984, p. 12). Na fase descendente “estimula-se a busca por inovações e mudanças técnicas poupadoras de mão-de-obra e de outros custos. Porém as defasagens temporais envolvidas significam que pode passar um período de cinco a 20 anos antes que os efeitos completos de tais mudanças técnicas se façam sentir de modo geral no sistema. A procura por inovações poupadoras de energia foi intensa nos anos 70, mas será somente na década atual que seus efeitos começarão a ser sentidos amplamente” (FREEMAN, p.13). Ver FREEMAN, C. Inovação e Ciclos Longos de Desenvolvimento Econômico. **Ensaio FEE**, 5 (1), p 5-20, Porto Alegre, 1984). Assim sendo, Rosemberg e Frischtak (1983, p. 677, op. cit.), citando Kondratieff e Oparin (1928), afirmam que a base material desses ciclos é o desgaste, a substituição e a expansão de bens de capital fixo que exige um longo período de tempo e enormes gastos para serem produzidos.

³² O aparecimento de um centro dinâmico industrial na economia brasileira, a partir de 1920, engendrou flutuações econômicas de dez anos aproximadamente, com fases expansivas e depressivas. Trata-se dos ciclos juglarianos ou médios. Na proposta rangeliana, os primeiros quinquênios de cada década, desde 1920, foram recessivos (1930-34/1951-54/1961-65, etc.), enquanto os subseqüentes foram expansivos (1935-40/1955-60, etc.) Segundo Mamigonian (1987, p. 69), “ao longo dos ciclos juglarianos as capacidades ociosas criadas relacionavam-se a pontos de estrangulamento engendrados paralelamente,

Por fim, o quarto ponto diz respeito ao fato de que todas as pesquisas em maior ou menor grau estão fundamentadas em trabalhos de campo, pois

o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação³³.

A articulação desses pontos foi auxiliada, além das orientações, pela criação de grupos de estudo e por reuniões periódicas do grupo de pesquisa, sob minha coordenação e vinculado ao CNPq, intitulado “Formação Socio-Espacial: Progresso Técnico e Desenvolvimento Econômico-Social” (GEOTDE). Os grupos de estudos realizados quinzenalmente nas dependências da UFSC e na minha residência trataram de analisar os recursos ociosos na economia brasileira, a inflação brasileira, a concessão de serviços públicos à iniciativa privada e a conjuntura da economia brasileira. Para tanto, foram realizadas leituras de I. Rangel, R. Bielschowsky, Bielschowsky, et. al. A. Singer, J. Velloso, M. Mazzucato, entre outros³⁴.

O resultado desses encontros foi a publicação do livro “Estruturas e Estratégias Geoeconômicas: um estudo de cadeias produtivas específicas” (ESPÍNDOLA, 2017). Trata-se de artigos que abordam tanto cadeias produtivas específicas e as políticas públicas que promovem as alterações no seu dinamismo. Esses artigos têm em comum é a base teórico-metodológica, assentada na categoria de formação socioespacial, desenvolvida por Milton Santos. Assinam os artigos os meus orientandos e ex-orientandos: Fernando R. Farias, Helton Rogério da Rosa, Joel José de Souza, Marinez da Silva Mazzochin, Pablo Jonas Camilo, Patrícia Volk Schatz, Paulo Henrique Schlickmann, Roberto César Cunha, Silvia Cristina Limberger e Wilian Padilha.

conforme o mecanismo da dialética da capacidade ociosa. As dualidades, abertas nas fases depressivas dos ciclos longos, possibilitam a compreensão da superposição (em permanente conflito) das relações sociais de produção internas e externas, coexistindo, simultaneamente, em uma mesma formação social. Ademais auxiliam na compreensão de que as mudanças no Brasil são provocadas por pressão de baixo e postas em prática de cima para baixo. O Estado brasileiro é composto por duas classes dominantes: uma hegemônica politicamente e outra hegemônica economicamente” (MAMIGONIAN, 1987, op. cit.).

³³ MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão, 2008 p. 258.

³⁴ RANGEL, I. (op. cit.). BIELSCHOWSKY (op. ci). BIELSCHOWSKY, R.; SQUEFF, G. C.; VASCONCELOS, L. F. Evolução dos investimentos nas três frentes de expansão da economia brasileira na década de 2000. In: **Textos para Discussão**, n. 2063, Brasília: IPEA, mar. 2015. SINGER, A. **Os Sentidos do Lulismo**. Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012; VELLOSO, João P. R (coord) **Rumo ao Brasil desenvolvido (em duas, três décadas)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013); MAZZUCATO, M. **O Estado Empreendedor**. Desmascarando o mito setor público vs. setor privado. São Paulo: Portfólio-Penguim, 2014.

Ademais, publiquei ainda, em conjunto com os orientandos, artigos em capítulo de livros, em periódicos e anais de eventos. O livro, intitulado “Fundamentos da Geopolítica”, destinou-se aos alunos da Uniasselvi (ESPÍNDOLA; MULLER, 2010). Entre os artigos publicados em periódicos destacam-se: “A questão agrária brasileira sob a ótica da educação do campo” (ESPÍNDOLA; SCHILIKMANN, 2014), “A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva da soja no Brasil e no mundo” (ESPÍNDOLA; CUNHA, 2015), “Jogos e estratégias: o campeonato brasileiro de futebol na década de 1970 e a política de integração nacional” (SCHATZ; ESPÍNDOLA, 2016), “Dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva da soja no sul do Maranhão” (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2016a), “A relevância do progresso técnico na consolidação da cadeia produtiva da soja no sul do estado Maranhão (Brasil)” (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2016b), o “Cooperativismo agropecuário do Sul do Brasil a partir da conjuntura econômica dos anos 1980: alterações territorial de seu centro dinâmico” (FARIAS; ESPÍNDOLA, 2016) e “Agricultura no Maranhão: uma leitura a partir de Lênin” (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2017).

Em anais de eventos, publiquei “Pantanal - o papel da Embrapa gado de corte na consolidação da pecuária” (BERTHOLI; ESPÍNDOLA, 2009), “O setor agroflorestal: Dinâmica geoeconômica da produção madeireira no sul do Brasil” (MAZZOCHIN; ESPÍNDOLA, 2014a), “La producción maderera Mundial: inserción de Brasil em La dinámica global” (MAZZOCHIN; ESPÍNDOLA, 2014b), “Cadeia produtiva da soja do Sul do Maranhão: Novas características sociais e territoriais” (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2016); “Consolidação da cadeia produtiva da soja no Sul do Maranhão (Brasil): Trajetórias tecnológicas” (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2017); “O desenvolvimento do setor de sementes no Brasil: Gênese, desenvolvimento e desnacionalização” (BANDEIRA; ESPÍNDOLA, 2017a); “Dinâmica recente do setor de sementes e a estratégia da Monsanto no Brasil” (BANDEIRA; ESPÍNDOLA, 2017b); e “Cooperativas agropecuárias brasileiras e o mercado global alimentar” (PADILHA; ESPÍNDOLA, 2017).

É, pois, nessa perspectiva, que deixei os meus passos no chão e, parafraseando Milton Nascimento e Fernando Brant, “muita gente boa pôs o pé na profissão”³⁵. Assim,

³⁵Milton Nascimento e F. Brandt. Nos bailes da vida. Disponível em: <<https://musicasbrasileiras.wordpress.com/2010/05/27/nos-bailes-da-vida-milton-nascimento/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

excetuando-se Tânia M. Fresca (UEL), Edson T. Campos (Universidade Municipal de São José/SC), Marinez da Silva Mazzochinn (Técnica da UNIOESTE) e Rosimar B. Muller (UNIASSELVI), que já desenvolviam sólidas atividades profissionais, treze ex-orientandos e orientandos foram contratados em universidades (Fernando Farias – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, campus de Aquidauna; Margarida Campos – UEL; Anderson Bertholi – Unimontes; e Emanuela F. Wenning - UNIASSELVI), Institutos Federais (Silvia Limberg – Instituto Federal do Paraná, IFPR, campus Paranaguá; Joel de Souza- Instituto Federal de Santa Catarina, UFSC, campus Canoinhas; Dennison Rodrigues - IFPR, campus Capanema; Lucas Emerique – Instituto Federal da Bahia, UFBA, campus Teixeira Freitas; Christina M. Hipólito - IFSC, campus de Gaspar; João L. Bandeira - IFPR, campus Barracão; e Wilian Padilha – IFPR, campus Palmas) e na rede estadual de ensino médio (Paulo Schilikmann, Janaina Ramos, Helton R. Rosa).

IIIª- Parte: Pesquisa, uma trajetória

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações³⁶.

Desde que ingressei no Departamento de Geografia da UFSC, coordenei oito projetos de pesquisa, sendo cinco financiados pelo CNPq. Contudo, desde 1996 comecei a participar como membro em outros projetos. Assim sendo, entre 1996-1998, participei do projeto “A Indústria de papel e papelão no Planalto Leste Catarinense”. Entre 1998-2005, participei de dois projetos coordenados por Armen Mamigonian.

O primeiro deles, “Santa Catarina: sociedade e natureza”, tinha como objetivo desvendar as múltiplas determinações sociais e naturais na construção da formação socioespacial catarinense. O resultado final desse projeto foi apresentado na mesa redonda “Geografia e formação sócio-espacial”, no IIº Simpósio de Geografia da

³⁶ PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa:** Abordagem teórico prática. Campinas: Papyrus, 1996.

UDESC e serviu de base para o minicurso ofertado na XXIII Semageo como “Desenvolvimento regional e urbano. Indústria, comércio e transporte no Sul do Brasil”.

Dois artigos foram elaborados e publicados. O primeiro foi o capítulo de livro “Gênese, evolução e dinâmica das agroindústrias de carne de Santa Catarina” (ESPÍNDOLA, 2011; 2011); já segundo foi “Notas sobre formação sócio espacial catarinense” (ESPÍNDOLA, 1999) na Revista de Tecnologia e Ambiente.

O segundo projeto “Região Sul: sociedade e natureza”, coordenado por Armen Mamigonian, tinha como objetivo desvendar os fatores responsáveis pela dinâmica geoeconômica da região Sul do Brasil. O resultado do projeto foi apresentado no Iº Encontro Sul brasileiro de Geografia, na mesa redonda “Crise urbana e rural no Sul do Brasil”; no XIV Encontro Nacional de Geógrafos, com o título “A formação social da pequena produção mercantil no Sul do Brasil”; na V Semana de Geografia, na mesa redonda “Reestruturação produtiva no território brasileiro”, realizado no município de Rio Grande/RS; no IIº Ciclo de ideias e debates do Gedri, realizado em Ourinhos/SP, sob o título “Desenvolvimento regional, indústria, comércio e alternativas para o Brasil”; e na XXIV Semageo com “Infraestrutura e desenvolvimento regional.” Publiquei ainda um artigo na Revista Princípios intitulado como “Agroindústria, desenvolvimento e projeto Nacional” (ESPÍNDOLA; MEDEIROS, 2006).

Entre 2011-2012, participei de outro projeto de pesquisa coordenado por Armen Mamigonian, intitulado “Organização dos principais portos de movimentação no Brasil e no mundo: das Hinterlândias portuárias às relações com a mundialização da economia”. O resultado foi apresentado no seminário de 2013, “A questão Portuária no Brasil e no mundo”. Dois artigos foram publicados em periódicos. O primeiro, “Desempenho exportador brasileiro e o transporte de cargas nos portos e terminais de uso privativo” (ESPÍNDOLA, 2014b), e o segundo, “As inovações no transporte de cargas marítimas: apontamentos para pesquisa” (ESPÍNDOLA, 2013).

Nos anos de 2013 a 2016, participei de mais dois projetos. Um coordenado por Marlon C. Medeiros, denominado “Novas dinâmicas territoriais do capital financeiro na agricultura brasileira”. O objetivo central da pesquisa foi analisar as novas dinâmicas territoriais do capital financeiro na agricultura brasileira, destacando as duas últimas décadas, devido a inúmeras mudanças ocorridas pela ampliação da ação dos grandes grupos internacionais, e pela reorganização dos programas estatais de financiamento. Nele desenvolvemos um texto para o relatório final, intitulado “Os Investimentos Externos Diretos nos Agronegócios Brasileiros Pós-2000”. Já o segundo, coordenado

por Cesar A. A. Martins, “A indústria de pesca no Sul do Brasil: o uso do território por empresas de enlatamento e congelamento de pescado”, objetivou uma análise comparativa entre as empresas do sul do Brasil atuantes na cadeia produtiva de pescados. Ademais, tratou-se de desvendar as estratégias empresariais no uso do território.³⁷

Como afirmei anteriormente, coordenei oito projetos de pesquisa. Mas qual foi o eixo central desenvolvido nos projetos? Pode-se afirmar que foram dois eixos centrais que estão interligados. O primeiro deles, da relação agricultura-indústria aos agronegócios e o segundo, reestruturação técnico-econômica e comércio mundial.

3.1- Da relação agricultura - indústria aos agronegócios

A agricultura, historicamente, sempre desempenhou papel importante no desenvolvimento econômico, estando presente na análise de vários autores com diferentes matrizes teóricas. Tradicionalmente caberia à agricultura produzir alimentos e matérias-primas; liberar mão de obra para os demais setores; criar poupança interna para inversão em outros setores da economia; gerar divisas externas e abrir mercados para produtos dos demais setores³⁸.

Porém, as transformações decorrentes das revoluções industriais produziram alterações “substantivas na agricultura, despregando-se de sua base restrita à agropecuária para emancipar segmentos que impulsionaram a renda e o emprego em novos negócios enquanto indústrias ou serviços” (GONÇALVES, 2005, p. 9)³⁹.

O processo de modernização da agricultura brasileira, pós-1960, apoiado no tripé política tecnológica, políticas de crédito subsidiado e na política fundiária, possibilitou o surgimento de diferentes cadeias específicas e um novo tipo de produtor nos agronegócios do país. Essa combinação resultou na elevação da produtividade agropecuária, no aumento dos ganhos de escala, na diversificação produtiva, na implantação de novas relações de produção, na dissolução da estrutura produtiva rural autossuficiente e na ampliação do uso de terras antes não ocupadas.

³⁷ Nos anos de 1990, M. Santos Milton Santos formulou a concepção do território usado, como sinônimo de espaço habitado, construído e reconstruído pelos homens, por meio de suas ações e relações.

³⁸ JOHNSTON, B. F.; MELLOR, J. W. **The role of agriculture in economic development**. American Economic Review, v. 51, n. 4, p. 566-93, 1961.

³⁹ GONÇALVES, J. S. **Agricultura sob a égide do capital financeiro**: passo rumo ao aprofundamento do desenvolvimento dos agronegócios. In: Informações econômicas, São Paulo, IEA, v. 35, p. 7-36, abr. 2005.

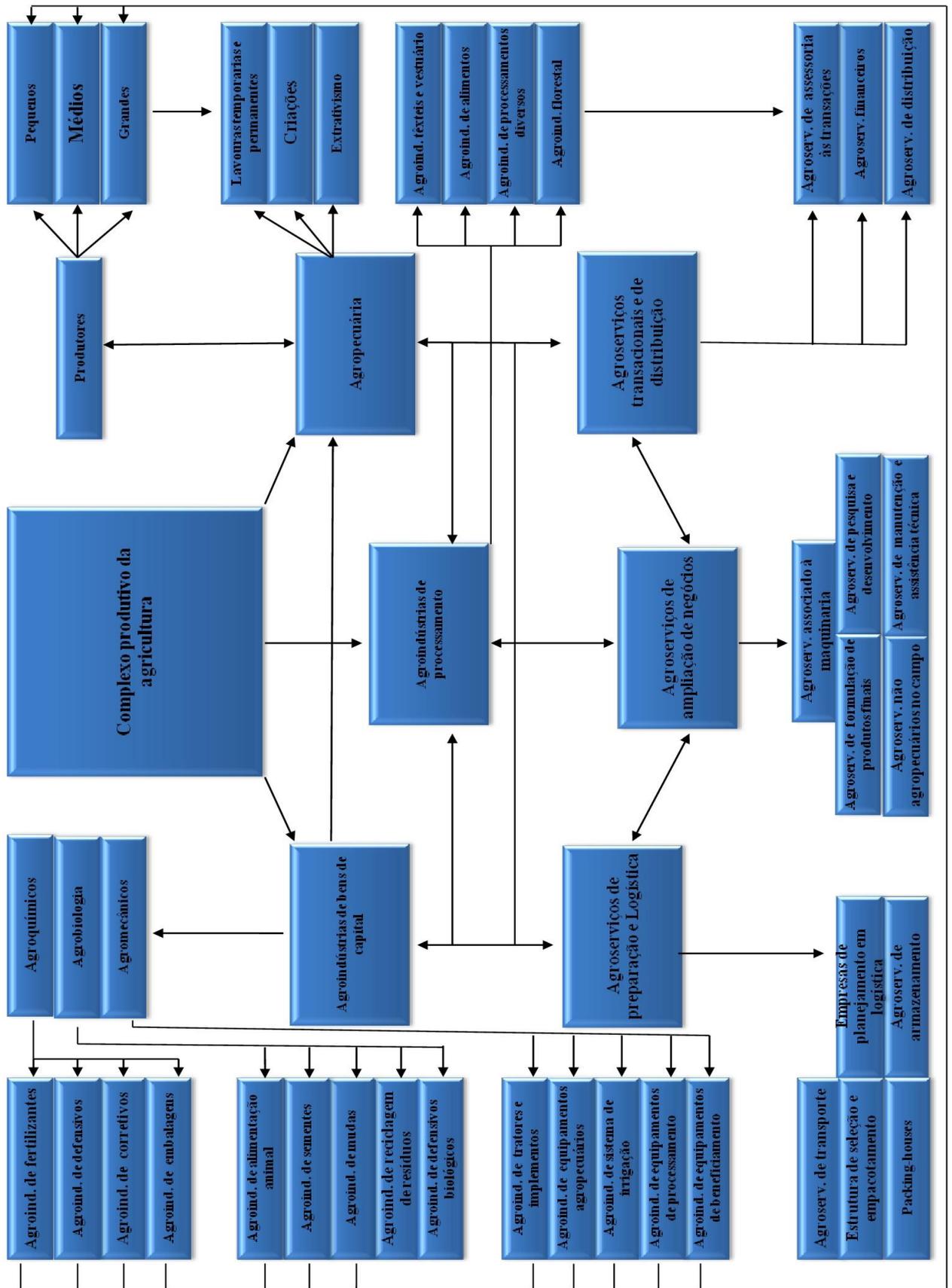
Tratou-se da constituição de um complexo agroindustrial no qual se formaram inúmeros segmentos produtivos setoriais a montante e a jusante do complexo produtivo da agricultura⁴⁰. São negócios agrícolas, ou, em outros termos, agronegócios⁴¹.

Assim sendo, percebe-se um elevado grau de interligação entre agricultura, indústria e serviços, tornando cada vez mais difícil estabelecer limites entre estes, conforme se demonstra na Figura 1. Conforme Gonçalves (2005, p. 34-36, op. cit.), essas atividades dividem-se em: (i) pré-porteira - agroindústrias de bens de capital da agricultura, que responde pelo fornecimento dos insumos e equipamentos - agroindústria de fertilizantes, defensivos, sementes, agroindústria de tratores e colheitadeiras, agroindústria de equipamentos de irrigação e armazenamento; (ii) dentro da porteira - agropecuária, que representa o processo biológico de produção, majoritariamente realizado no campo - lavouras permanentes, lavouras temporárias, extrativismo vegetal e animal, criações aquícolas, a pasto e em confinamento; e (iii) pós-porteira - agroindústrias de processamento, agrosserviços da preparação e logística, agrosserviços transacionais (corretoras especializadas em produtos, lobistas e grupos de pressão, corretoras das Bolsas de Mercadorias) e de distribuição (atacadistas, varejistas, empresas exportadoras).

⁴⁰ O termo Complexo Agroindustrial surge na década de 1950 nos EUA, como resultado de estudos sobre a participação das atividades agrícolas nas relações inter-setoriais, com base em teorias a respeito dessas relações formuladas por W. Leontief. DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

⁴¹ O agronegócio é entendido “como a cadeia produtiva que envolve desde a fabricação de insumos, passando pela produção nos estabelecimentos agropecuários, pela transformação e o seu consumo final. Essa cadeia incorpora todos os serviços de apoio: da pesquisa e assistência técnica, do processamento, transporte e comercialização, crédito, exportação, serviços portuários, distribuidores, bolsas e o consumidor final”. CONTINI, E. et al. Evolução recente e tendências do agronegócio. In: **Revista de Política Agrícola**, Brasília, CONAB, ano XV, n. 1, jan.-fev.-mar. 2006, p. 5-28. Nessa perspectiva, incluem-se os tipos de agronegócio (pequeno, médio e grande) em escala que se dedicam à produção de fibras, grãos e carnes e os dedicados à produção de frutas, olerícolas e produtos que exigem o primado da qualidade (GONÇALVES, 2005).

Figura 1 – Complexo produtivo da agricultura



Fonte: Adaptado de Gonçalves (2005)

Esses agronegócios foram capazes de abastecer tanto o mercado interno (acabando com as crises de abastecimento de alimentos de 1970), quanto de participar ativamente do mercado mundial agroalimentar.

Nessa perspectiva, os agronegócios são vistos na lógica da reprodução ampliada do capital⁴², na possibilidade de fomentar inovações e nos avanços na ciência; como setores de acumulação para frações do capital; como indutores do processo de substitucionalismo e apropriação, na ampliação do acirramento da concorrência; e como forma de poder político e econômico.

Com base nesse eixo, tratou-se de elaborar no Departamento de Geociências, em 2009, o projeto de pesquisa “O potencial do agronegócio catarinense”, cujo objetivo era desvendar o processo de modernização da agricultura catarinense, pós-1960, e o surgimento de diferentes agronegócios (soja, leite, carnes, frutas, papel e celulose, milho, fumo, entre outros produtos).

Em 2008, encaminhei para o CNPq, o projeto “Configurações regionais da avicultura de corte no Brasil” (Processo: 480104/2008-5). Essa pesquisa desenrolou-se entre 2009-2011 e tinha como objetivo central desvendar a dispersão dos investimentos no território brasileiro referente aos agronegócios de carne de frango.

Além de um relatório técnico, os resultados foram apresentados no 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, com o trabalho “A cadeia produtiva de frango de corte da América do Sul: Considerações preliminares”, e na Quinta Jornada de História Econômica. Já no VII ENANPEGE, apresentei o trabalho “A dinâmica regional da avicultura de corte no Brasil”, que seria a forma preliminar de formatação do projeto. Publiquei ainda o artigo “Trajetórias do progresso técnico na cadeia produtiva de carne de frango do Brasil”, na revista Geosul (ESPÍNDOLA, 2012).

3.2- Reestruturação técnico-econômica e comércio mundial

A crise da economia mundial, iniciada em 1973, fez emergir no cenário mundial três processos conjuntos. O primeiro caracteriza-se pelo crescimento paradoxal do comércio internacional. Paradoxal porque, nos períodos depressivos anteriores, a crise

⁴² Faz-se necessário romper com a visão de que a agricultura é lastreada pela reprodução simples do capital (mercadoria-dinheiro-mercadoria). No atual estágio de desenvolvimento da agricultura e dos seus negócios, a reprodução é lastreada pela operação de aplicar dinheiro (D) na produção de mercadorias (M), com objetivo de obter mais dinheiro (D'). Soma-se, ainda a essa lógica, o papel determinante do capital financeiro e o capital fictício (títulos, derivativos, securitização, ações, etc.).

do comércio internacional era superior à crise econômica. Esse crescimento foi possível graças à abertura do comércio mundial promovida pelos EUA. Como consequência desses processos, verifica-se o aumento da concorrência internacional.

O segundo processo decorre de um esforço crescente na busca, por diferentes setores produtivos, de um paradigma técnico-econômico⁴³ que afeta radicalmente: (a) a forma de organização da firma (*best practice*); (b) o perfil de habilidades da força de trabalho em termos de qualidade e quantidade, e o padrão correspondente de distribuição da renda; (c) o novo mix de produtos em direção àqueles que são intensivos no uso do fator-chave a custos mais baixos; (d) o novo padrão de localização dos investimentos no nível nacional e internacional; (e) as novas tendências em inovações radicais e incrementais; (f) a nova onda específica de investimentos em infraestrutura destinada a prover as externalidades para todo o sistema; (g) o processo de tendência das grandes firmas a concentrarem-se por crescimento ou diversificação; e (h) o novo padrão de consumo de bens e serviços e novos tipos de distribuição e comportamento do consumidor⁴⁴.

O terceiro processo está assentado na implantação de políticas neoliberais, no retardamento do processo de “destruição criadora” a *la Schumpeter*, na intensa oligopolização da economia, na liberalização econômica e na mundialização financeira. A mundialização financeira foi impulsionada pela revogação do sistema Bretton Woods, decretada pelos EUA em 1971 e pelos “novos” instrumentos de alavancagem econômico-financeiros dos mais diferentes setores econômicos (Hedge, Eurobônus, securitização, derivativos, etc.). Nessa nova estrutura, os Estados Unidos usaram seu controle sem precedentes sobre recursos financeiros e comerciais para postergar o dia do julgamento de seu capital doméstico, pois seu domínio da produção havia dado lugar a economias concorrentes⁴⁵.

No Brasil, a indústria de transformação adotou novas estratégias, visando ajustar-se a essas novas condições. Alguns ramos produtivos, como o de celulose,

⁴³Essas inovações constituíram-se em paradigma tecno-econômico, pois a mudança técnica tende a promover mudanças estruturais, institucionais e sociais. Portanto, sai do campo meramente tecnológico e adentra no campo social. Esse paradigma seria “um agrupamento mais amplo de inovações que se difunde pela economia como um todo. Esse agrupamento engloba uma série de inovações radicais e incrementais e pode incluir novos sistemas tecnológicos”. HOLLANDA Filho, Sergio B. **Os Desafios da Indústria Automobilística Brasileira**. São Paulo: IPE-USP, FIPE, 1996.

⁴⁴FREEMAN, C. & PEREZ, C. “**Structural Crises of Adjustment, Business Cycles and Investment Behaviour**”. In: DOSI, G. et al. (Ed.). *Technical Change and Economic Theory*. London: Pinter Pub. 1988.

⁴⁵WOOD, E. **O Império do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

petroquímica e aços especiais, por exemplo, continuam operando de acordo com os padrões internacionais de qualidade e eficiência técnica. Já os setores, como siderurgia, papel, celulose, etc., dedicaram-se à modernização tecnológica, capacitação gerencial, renovação de equipamentos e processo, enobrecimento de produtos; enquanto os produtores de bens de capital foram submetidos a um intenso processo de envelhecimento. Por sua vez, os setores de bens de consumo duráveis impulsionaram as estratégias de integração vertical, enquanto os setores tradicionais (alimentos) promoveram a introdução de uma gama de aspectos modernizantes.

A bibliografia referente ao processo de reestruturação da indústria brasileira parece concordar que existem dois grandes períodos de mudança na década de 90: o primeiro iniciou-se com a implantação do Plano Collor e caracterizou-se pela racionalização dos custos, apoiada em estratégias de reorganização da produção, em que predominavam objetivos de *downsizing*, principalmente a terceirização de atividades e o aumento do conteúdo importado. O segundo, pós-94, cujo início se deu na era FHC, com o Plano Real, manteve como linha mestra a racionalização de custos baseada em *outsourcing*, terceirização, etc.⁴⁶

Nos agronegócios, a abertura comercial juntamente com a sobrevalorização cambial, a redução de tarifas de importação de produtos agrícolas e o fim do sistema de crédito agropecuário a partir de 1990 forçaram os agronegócios do Sul do Brasil a um intenso processo de reestruturação técnico-econômica.

Dentre as principais reestruturações, ressalta-se o aumento das fusões e aquisições, a desnacionalização de diferentes segmentos, as terceirizações, a incorporação de novas tecnologias, a redução do ciclo completo na suinocultura, a maior especialização produtiva, o abandono e redirecionamento para novas atividades produtivas, a concentração da produção, uma maior integração vertical e horizontal nas cadeias produtivas, a redução do número de produtores menos capitalizados e com menor produtividade, em contraposição à ampliação da importância dos produtores com melhor nível técnico, ampliação da capacidade produtiva, entre outras ampliações.

O processo de reestruturação contou ainda com o apoio de novos mecanismos de financiamento e de crédito aos agronegócios, induzindo-os à lógica da financeirização. Dentre os instrumentos de financiamento, destacam-se: o Certificado de Mercadoria com Emissão de Garantia (CMG), a Cédula do Produto Rural (CPR), o Certificado de

⁴⁶ KUPFER, David. Trajetórias de reestruturação da Indústria Brasileira após a abertura e a estabilização: temas para debate. In: **Boletim de Conjuntura IE**, v. 18, n. 2, jul. 1996.

Depósito Agropecuário (CDA), o Warrant Agropecuário (WA), o Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio (CDCA), a Letra de Comércio Agrícola (LCA) e o Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA). São esses instrumentos que possibilitaram aos agronegócios integrarem-se ao mercado de capitais no acesso ao crédito e ao moderno sistema financeiro nacional/mundial.

Assim sendo, tendo como eixo central essas premissas, elaboraram-se cinco novos projetos. O primeiro, entre 2011-2014, tratou de desvendar o desempenho exportador brasileiro e o transporte de contêineres, sobretudo, o desempenho exportador do agronegócio de carnes. O resultado final foi apresentado no X ENAPEGE, sob o título “A dinâmica recente do comércio exterior brasileiro: reprimarização das exportações?” (ESPÍNDOLA, 2013). O projeto auxiliou ainda na elaboração da palestra ministrada na Unioeste sobre “A dinâmica da crise econômica atual”. Publicou-se ainda o artigo “Notas sobre as recentes exportações brasileiras de commodities agropecuárias” na Revista Princípios (ESPÍNDOLA, 2013b).

O segundo projeto, financiado pelo CNPq, foi “A Configuração Espacial do Comércio Exterior Brasileiro” (Processo 409102/2013-0), desenvolvido entre 2013-2016. O objetivo geral da pesquisa foi desvendar a dinâmica do comércio exterior brasileiro, com destaque para os seus principais mercados, as principais mercadorias exportadas e importadas e o grau de participação das regiões brasileiras nesse comércio mundial.

Além do relatório técnico entregue ao CNPq, o resultado da pesquisa foi apresentado e publicado nos anais do VIIº Congresso Brasileiro de Geógrafos, com o título “A dinâmica recente do Brasil no mercado mundial de alimentos” (ESPÍNDOLA, 2014b); no VI Congresso Iberoamericano de Estudos Territoriais e Ambientais (CIETA), com o trabalho “A internacionalização do agronegócio brasileiro de carne: a trajetória da Brasil Foods” (ESPÍNDOLA, 2014d); na VIIª Jornada de Economia Crítica, com o trabalho “Políticas públicas e o desempenho recente da balança comercial do agronegócio brasileiro” (ESPÍNDOLA, 2014c); e no XVº Encontro de Geógrafos de América Latina, com o texto “Políticas Públicas e Desempenho exportador brasileiro” (ESPÍNDOLA, 2015a; 2015b).

Três artigos foram ainda publicados. Dois como capítulo de livros e um em periódico. O primeiro texto, denominado “Políticas públicas e dinâmica recente da balança comercial do agronegócio brasileiro”, foi publicado no livro “Brasil: temas de geografia econômica” (ESPÍNDOLA, 2015). Já o segundo, “A dinâmica geoeconômica

do agronegócio de carnes e soja”, foi publicado no livro “Temas do desenvolvimento econômico brasileiro e suas articulações com o Mato Grosso do Sul” (ESPÍNDOLA, 2016). Na revista de Estudos Brasileiros, publicou-se o artigo “Considerações sobre as relações Brasil e Espanha” (ESPÍNDOLA; ARAUJO Jr., 2017).

Entre 2013-2016, fui contemplado com a bolsa produtividade do CNPq, com o projeto “O impacto da reestruturação produtiva nas formações sócio-espaciais catarinenses pós-1990” (Processo 306009/2013-7). Tratou-se de desvendar o impacto geográfico, econômico e social ocorridos nas formações socioespaciais catarinenses, com base nos processos de reestruturação produtiva.

A pesquisa contou com a participação de alunos de graduação, mestrado e doutorado. Essa participação possibilitou o aprofundamento das pesquisas e orientações, visando ao entendimento do processo de reestruturação das cadeias produtivas catarinenses (calçados, leite, madeira, plástico, cooperativas, alimentos, entre outros). Nesse sentido, foram realizadas leituras de livros, relatórios, trabalhos de campo, entrevistas, debates em congressos e montagem de Grupos de Trabalhos (GTs). A combinação dessas diferentes atividades possibilitou a formação de recursos humanos, em especial, nos níveis de graduação (cinco trabalhos de TCC), mestrado (duas dissertações), doutorado (duas teses) e pós- doutoral (supervisão), como demonstrado anteriormente.

A conclusão geral da pesquisa foi de que os processos de reestruturação produtiva das atividades produtivas catarinenses fizeram-se pelas inovações em processos e produtos, pela adoção de novas técnicas de gestão, pela desverticalização produtiva, pelas redefinições patrimoniais, pelo corte de pessoal empregado, pela redução de linhas de produção, pelo desdobramento territorial do capital e pelas inversões em novas atividades econômicas.

Entre 1998-2000, da amostragem de 5.268 indústrias de transformação catarinenses, 38,38% delas investiram em processo e produto com destaque para as indústrias de confecções de artigos de vestuário, produtos têxteis e indústria alimentar. Tal tendência manteve-se nos anos seguintes e, de um total de 6.915 indústrias, 35,86% fizeram investimentos em processo e produto.

Entretanto, esse processo de reestruturação produtiva foi diferenciado entre os diversos segmentos produtivos, e seus impactos foram os mais variados possíveis. Enquanto os setores carbonífero e têxtil entraram em crise e/ou em decadência, outros setores mostraram dinamismo, consolidaram-se e emergiram, como, por exemplo, o

cerâmico, o eletromecânico, o de embalagens e descartáveis, e o de agronegócios. A pesquisa concluiu ainda que houve a emergência de novos setores produtivos. Dentre eles, destacam-se o turismo, a hotelaria, o segmento de eventos, a construção civil, a retomada da construção naval e a indústria de alta tecnologia e os parques tecnológicos

Os resultados foram apresentados em forma de aulas e palestras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste - Francisco Beltrão) e em conferência proferida na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA/PR). Na palestra da Unioeste, apresentei a temática “As inovações recentes na indústria alimentar brasileira e do sul do Brasil”. Na UNILA, o tema tratou de investigar o “Ciclo de crescimento da economia brasileira: 2003-2011”.

A pesquisa foi ainda apresentada no XIV Simpósio de Geografia Urbana, em Fortaleza, com o título “Evolução e dinâmica da economia urbana da fachada Atlântica catarinense: breves considerações” (ESPÍNDOLA, 2015C) e no Iº Congresso de Geografia Econômica, realizado em Mar Del Plata, na Argentina, com o trabalho “O impacto territorial da reestruturação técnico-econômica nos agronegócios catarinenses” (ESPÍNDOLA, 2016). Foram ainda publicados dois artigos em periódicos. O primeiro, na revista Geografia da UEL, intitulado “Ciclo de crescimento da economia brasileira e o desempenho do agronegócio catarinense” (ESPÍNDOLA, 2016b) e o artigo “As duas macroformações sócio-espaciais do Sul do Brasil na gênese da indústria de carnes” (ESPÍNDOLA, 2016 a), publicado no Ensaio FEE.

Partindo do pressuposto que o processo de reestruturação produtiva criou diferentes configurações espaciais, tratou-se de elaborar um novo projeto de pesquisa, intitulado “As configurações espaciais nas regiões produtivas catarinenses pós-década de 1990” (Processo nº 302474/2016-1 CNPq). A hipótese central da pesquisa é que, nos anos pós-1990, as regiões produtivas catarinenses passaram por um intenso processo de reestruturação técnico-econômica, social, institucional e territorial. Esse processo está em constante movimento, criando a supressão, acumulação, superposição de formas, funções, processos e estruturas no território catarinense⁴⁷.

O objetivo geral da referida pesquisa é o de investigar a configuração espacial das regiões produtivas catarinenses pós-década de 1990. Trata-se de se verificar as

⁴⁷A forma é o aspecto visível de uma determinada coisa, a função é a atividade desempenhada pela forma, estrutura é a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo, e o processo é uma estrutura em movimento (SANTOS, M. **Espaço & Método**. São Paulo: Nobel, 1985).

especializações/diferenciações territoriais ocorridas nas regiões produtivas catarinenses pós-1990. Especificamente, objetiva-se (a) identificar as economias de aglomeração resultantes dos fixos e fluxos que se estabelecem nas regiões produtivas catarinenses; (b) verificar as políticas econômicas nacionais e estaduais, e seus efeitos setoriais e territoriais; (c) desvendar as práticas de gestão do território exercidas pelos agentes sociais privados e públicos; e (d) avaliar o impacto da introdução e difusão das técnicas no processo de concentração e dispersão territorial das atividades produtivas.

Em 2016, foi aprovado pelo CNPq o projeto de pesquisa “Os agronegócios do Sul do Brasil: Reestruturações técnico-econômicas e impactos territoriais” (Processo nº 401116/2016-6). O objetivo geral da pesquisa mencionada é o de desvendar o impacto territorial promovido pelos agronegócios do Sul do Brasil, com base em seus processos de reestruturação pós-1990. Em outras palavras, tem-se a finalidade de investigar o impacto geográfico, econômico e social ocorrido na formação socioespacial do Sul Brasil, fundamentado no movimento de reestruturação implantado pelos agronegócios a partir de 1990.

Especificamente visa (a) identificar quantitativa e qualitativamente os principais investimentos realizados pelos agronegócios do sul do Brasil, procurando avaliar as inversões casadas em produção, distribuição e gerenciamento na organização da estrutura territorial dos agronegócios do Sul do Brasil; (b) detectar os impactos e tendências regionais dos novos investimentos e o novo padrão de reconfiguração espacial; (c) avaliar o impacto das reestruturações no mercado de trabalho nos diferentes segmentos do agronegócio do Sul Brasil, em termos de densidade, taxa salarial e tipologia; (d) avaliar o desempenho exportador do agronegócio do Sul do Brasil com base em seu quantum e em seu valor agregado e nos rebatimentos territoriais; e (e) verificar as políticas econômicas nacionais e regionais, e seus efeitos setoriais e territoriais.

Esses projetos contam com a participação dos meus orientandos de TCC, mestrado e doutorado, além dos meus ex-orientandos e dois professores da Unioeste (Marlon C. Medeiros e Fernando Sampaio).

Apesar de estarmos desenvolvendo as duas pesquisas, alguns resultados preliminares foram sendo apresentados ao longo dos anos de 2016-2018. Nessa direção, gostaria de destacar a apresentação do trabalho “A dinâmica territorial dos agronegócios de carne, soja e da indústria de pescados no Sul do Brasil”, no Iº Colóquio Geoeconômica do Grupo de Pesquisa Dinâmica Econômica e Formação Sócio-Espacial,

do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unioeste. Em Palmas, em 2018, apresentou-se a temática “A dinâmica Geoeconômica dos agronegócios da Região Sul do Brasil”.

Os resultados preliminares foram ainda publicados em anais de eventos. Destacam-se os artigos “Políticas Públicas e o dinamismo socioeconômico no Brasil contemporâneo: Breves considerações” (ESPÍNDOLA, 2017a), “O impacto geoeconômico da reestruturação técnico-econômica no agronegócio catarinense pós 1990: Breves consideração” (ESPÍNDOLA, 2017b), “Agronegócios e o Dinamismo Geoeconômico da região metropolitana de Chapecó pós-2003 (ESPÍNDOLA, 2017c), “O Desenvolvimento do setor de sementes no Brasil: Gênese, desenvolvimento e Desnacionalização” (BANDEIRA; ESPÍNDOLA, 2017a), “Dinâmica recente do setor de sementes e a estratégia da Monsanto no Mercosul (BANDEIRA; ESPÍNDOLA, 2017b), “A consolidação da cadeia produtiva da soja no sul do Estado do Maranhão (Brasil): trajetórias tecnológicas” (CUNHA; ESPÍNDOLA, 2017) e “Cooperativas agropecuárias brasileiras e o mercado global alimentar” (PADILHA; ESPÍNDOLA, 2017).

Em periódicos, destaco o artigo “O impacto geoeconômico da reestruturação técnico-econômica nas estruturas produtivas catarinenses pós-1990, na revista Formação (ESPÍNDOLA, 2018). Três outros artigos estão aguardando publicações ainda em 2018 e/ou início de 2019. “Políticas públicas na economia brasileira pós-2003: do auge à crise”, na revista Geográfica Venezolana; “Desempenho Produtivo e Configurações Territoriais dos Agronegócios Catarinenses pós-2003”, na revista RAEGA e “Desempenho Produtivo e Configurações Territoriais dos Agronegócios Paranaenses pós-2003” na revista Geografar.

Pelo exposto, verifica-se a vinculação direta com os projetos e as linhas de pesquisas que venho trilhando.

Além das atividades de pesquisa, participei e coordenei projetos de extensão que de forma direta ou indireta contribuíram para formação dos alunos e de minha trajetória acadêmica e profissional.

IVª Parte: Extensão e Administração

Eu busquei encontrar na extensão um caminho.
Um caminho qualquer para qualquer lugar.
Eu segui ao sabor de todos os ventos.
Mas somente a extensão.
(Vinicius de Moraes)

4.1- Para além do Campus da UFSC

Desde que ingressei na UFSC, venho desenvolvendo projetos de extensão na forma de participante em eventos (8º SIMGEO, X SIMPURB, IV Seminário de Humanidades, IIIº ENSULGEO, IIº Encontro Regional de Estudantes de Geografia, IX ENANPEGE, XIIº ENANPEGE, XV SIMPURB, XV ENG e IIIº Seminário Internacional História do Tempo Presente) e trabalhando como coordenador de projetos.

Os projetos coordenados referem-se à organização das Semanas de Geografia (SEMAGEO) entre 2002-2014, cursos, minicursos, palestra e assessoria. Minha primeira coordenação da semana de geografia, que tenho registrada, data de 2002. Partindo do pressuposto que atualmente existem uma nova tendência ao pluralismo de posturas filosófica, forte tendência à preocupação teórica, preocupação em reduzir as fronteiras rígidas das disciplinas, a multiplicação de linhas de pesquisas e novos enfoques nos diferentes ramos (MAMIGONIAN, 1999b)⁴⁸, realizei o evento com a seguinte temática: “A busca da interdisciplinariedade da ciência geográfica”.

Diante da conjuntura econômica e política pós 2002, direcionei esforços na elaboração de semanas de Geografia que objetivasse desvendar e compreender a realidade concreta em suas diferentes escalas (nacional, regional e local)⁴⁹. Neste

⁴⁸ MAMIGONIAN, A. Tendências atuais da Geografia. *Geosul*, v.14 n. 28, p. 171-178, 1999b

⁴⁹ Depois de duas décadas de baixo crescimento econômico, a economia brasileira apresentou, após 2003, uma melhora considerável do seu desempenho. Entre 2003 e 2011, o Produto Interno Bruto (PIB) da economia brasileira cresceu em média 3,9%. Esse aumento foi fruto direto das medidas político-institucionais implantadas pelo Governo Federal, tais como: ampliação do crédito ao consumidor, a transferência de renda, como o Bolsa Família, a política de valorização do salário mínimo, as medidas de ampliação dos programas sociais (Fome Zero, Minha Casa Minha Vida, Prouni, Pronaf, entre outros), a valorização e expansão da atuação do BNDES para os estímulos dos investimentos públicos e privados, a criação de uma série de mecanismos de desonerações tributárias e a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) (ESPÍNDOLA, 2017 a). Em termos gerais, foi fruto dos fatores internos e externos. Internamente, ressalta-se o crescimento do mercado interno, a evolução do crédito e os investimentos públicos e privados, que resultaram em uma onda de inversões centrada na expansão, diversificação e inovação. Externamente, merecem destaque a liquidez financeira mundial, a taxa de juros baixa no mundo, os investimentos externos diretos, sobretudo no setor de serviços, e a elevada demanda mundial por produtos agroalimentares e minerais (BIELSCHOWSKY, R. Estratégia de Desenvolvimento

sentido, a XXIV Semageo de 2003, procurou tratar das infra-estruturas, o desenvolvimento e a questão ambiental. Na XXVI Semageo e no IIº Encontro Sul Brasileiro de Geografia pensou-se em um outro Brasil possível. Do ponto de vista regional, a XXIX Semageo de 2008, destacou as transformações regionais em andamento no Brasil. O fruto desse esforço foi a publicação dos Anais de Geografia Econômica e Social. Na escala local, a XXX Semana de Geografia de 2012, tratou de Santa Catarina e a sua inserção na economia internacional: dilemas e desafios, pois vem ocorrendo “uma perigosa deterioração das relações comerciais de Santa Catarina com o mundo” (MAMIGONIAN, 2011, p. 464)⁵⁰. Com a crise da economia brasileira, juntamente, com as manifestações de junho de 2013⁵¹, resolvi coordenar a XXXV Semageo de 2014, com a temática o “Brasil no século XXI: políticas públicas e demandas sociais”.

Quanto aos minicursos, alguns já mencionados anteriormente, gostaria de registrar que alguns foram realizados com os meus alunos de graduação e pós graduação. Dentre eles destaco: “O transporte público em questão: apontamentos sobre o estado da arte da mobilidade urbana em cidades brasileiras”; “Participação do setor turístico na economia catarinense”; “Acessibilidade de Florianópolis na perspectiva do deficiente visual”; “Inclusão: conteúdos e metodologias no ensino de geografia”, “O conceito de análise ‘agricultura familiar’ no capitalismo”, “A questão agrária, Geografia política e fronteiras à luz do pensamento libertário de E. Reclus e P. Kopotkin”, “Intercâmbio acadêmico: importância e processo”, entre outros.

Ainda na área de extensão, coordenei o seminário sobre a linha de pesquisa “Formação sócio-espacial: Mundo Brasil, Regiões”, vinculada ao Programa de pós-graduação em Geografia e o evento comemorativo aos trinta anos do PPGG. Outros projetos se fizeram presentes também, como, por exemplo, a editoração dos Cadernos Geográficos e o da revista Geosul, da qual, desde 2012, assumi a presidência do conselho editorial.

e as Três Frentes de Expansão no Brasil: um desenho conceitual. In: **Texto para Discussão**. n. 1828, Brasília: IPEA. abr. 2013.

⁵⁰ A participação das exportações catarinenses no total da exportação brasileira, que era de 5,1%, em 2001 (5º maior exportador brasileiro), reduziu-se para 3,54%, em 2011 (10ª posição no *ranking* dos estados exportadores). MAMIGONIAN, A. A indústria de Santa Catarina: dinamismo e estrangulamento. **Santa Catarina: Estudos de Geografia Econômica e Social**. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011.

⁵¹ As taxas de variação do PIB e dos investimentos declinaram a partir de 2011. Em 2011, o investimento público teve queda real de 12%, e o investimento das estatais, de 8,6% SICSÚ, J. “Ajuste Fiscal e de idéias”. 2015. Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/colunistas/joaoicsú>>.

Pelo exposto, a extensão constitui-se, com base em minhas preocupações e minha visão de geografia, em um esforço constante em promover um importante espaço de formação e de aproximação entre a universidade e a sociedade que possibilite um compartilhamento com o público do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa.

4.2- Administrar: ampliando o escopo

Além das atividades de extensão, desenvolvi atividades administrativas. Entre 2005-2009, fui coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia e, entre 2013-2017, coordenador do curso de Graduação. Na coordenação do PPGG, tive de tomar certas decisões, como por exemplo, descredenciar professores que atuavam no programa, mas só tinham o título de Mestre.

Contudo, nos quatro anos na coordenação, busquei apoiar professores e pós-graduandos em suas pesquisas e trabalhos de campo, equipar as salas dos professores, adquirir livros e apoiar a Semana de Geografia. Outra atividade apoiada foi o patrocínio de professores nacionais e estrangeiros para participar de bancas e proferir palestras. Dentre eles, destaco João José Bigarella, Carlos A. Figueiredo Monteiro, Maria A. de Souza, Sergio Buarque de Holanda Filho, Paulo de Tarso P. Leite, Aziz Ab Saber, Roberto Lobato Corrêa, Paulo C. da Costa, Armen Mamigonian, Amaury P. de Oliveira, entre outros.

Nossa administração trabalhou efetivamente na organização, em 2007, do X Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB). Esse evento foi realizado a partir da empreitada feita em 2005, juntamente com meu colega do departamento Ewerton V. Machado, quando, no IX SIMPURB, realizado em Manaus, apresentamos a candidatura de Florianópolis.

No encontro de Florianópolis, a comissão organizadora (Carlos José Espíndola, Leila C. Dias e Elson Manoel Pereira), após conversas com Armen Mamigonian, José M. Bastos e Ewerton V. Machado, fez um regaste das discussões sobre as cidades e a urbanização, trazendo novamente para o centro da discussão membros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). As mesas redondas e sessões temáticas discutiram temas ligados à geografia urbana e ao futuro das cidades.

Desde que assumi a coordenação da graduação, dediquei esforços na elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso e na reforma curricular, que ainda continua em andamento. Assim sendo, como coordenador dos cursos e membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) organizei várias reuniões com alunos e professores. Em uma delas resolvemos fazer, juntamente com os alunos, um projeto de extensão denominado “Resistências e opressões: o espaço geográfico em disputa”. O objetivo do projeto era buscar subsídios para a discussão da reforma curricular.

Desenvolvi ainda outras atividades, como membro do colegiado do curso, coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LABEUR), membro do Comitê de Planejamento e Gerência do Programa de Fomento da Pós- Graduação, do Plano Departamental de Capacitação Docente (PAAD), da Câmara de Ensino de Graduação, da Comissão de Avaliação de Estágio Probatório e Progressão Funcional dos professores do departamento, da Comissão de Bolsa do PPGG, da revalidação de títulos, da seleção de teses e dissertação para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), das viagens de estudo do departamento e das bancas de processo seletivo.

Outras atividades que desenvolvi e venho desempenhando são como membro do conselho editorial da revista *Perspectiva Geográfica* (2003-2006), *Expressões Geográficas* (2005), *Cadernos Geográficos* (2006), *Revista da Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG)* (2009-2010), *Revista de Geografia Ensino & Pesquisa*, *Revista Intellector* e revista *Geosul* (2012 aos dias atuais). Na revista *Geosul*, além da seleção de textos, parecer e editoração, sou o responsável pela elaboração dos editoriais. Soma-se também a participação em comissões científicas (Iº SENGES, Iº Encontro sul-brasileiro de Geografia, V Congresso Curitibano de Geografia, VIII ENANPEGE, XVI ENG) e consultoria *ad hoc* no CNPq.

Vª Parte: Conclusão

Interessa-me o futuro porque é o lugar onde vou
passar o resto de minha vida.
(Woody Allen)

Procurei neste Memorial não apenas traçar um relato das atividades acadêmicas desenvolvidas na UFSC. Empenhei-me em buscar um fio condutor que me trouxe a escolher não somente a Geografia como opção profissional, mas também como opção

de vida. Demonstrei que, ao longo da minha trajetória, muitas relações sociais foram sendo construídas e transformadas em virtude das múltiplas determinações. Não descrevi apenas um estado das coisas congeladas no tempo, mas antes narrei, descrevi e refleti, buscando, a partir do passado, a explicação do presente. Ao longo da narração, descrição e reflexão, procurei, então, ressaltar as idas e vindas que, na prática, consubstanciaram a docência, a pesquisa e a extensão. Um tripé estruturado com base em um referencial teórico-metodológico.

Mas e agora? “Eu tenho uma porção de coisas grandes pra conquistar. E eu não posso ficar aí parado”⁵². Para onde ir? Pretendo continuar aprofundando os estudos nas áreas de Geografia Econômica e desenvolver atividades na docência, orientações e extensão, visando contribuir para o processo de aprendizado dos estudantes e para a consolidação da ciência geográfica na explicação do mundo. Assim, “se por alguns segundos eu observar e só observar a isca e o anzol, a isca e o anzol, [...] ainda assim estarei pronto pra comemorar [...] valeu a pena eh eh, valeu a pena, eh eh, [...]”⁵³.

VIª Material iconográfico: Lembranças

O tempo não comprou passagem de volta. Tenho lembranças e não saudades.
(Mário Lago)

No fundo a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa.
(Roland Barthes)

As páginas seguintes apresentam uma amostra de alguns momentos vivenciados por mim. Claro que outras lembranças poderiam estar presentes, mas muitas não tive como registrá-las e muitas desapareceram, mas fica o registro da minha trajetória.

⁵² Raul Seixas - Ouro de Tolo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2kRMdzfFf8M>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

⁵³ Pescador de ilusões - O rappa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qzgU-KdNBcY>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Encontro Internacional em São Paulo



SEMAGEO



SEMAGEO



Encontro de Curitiba



SENGES



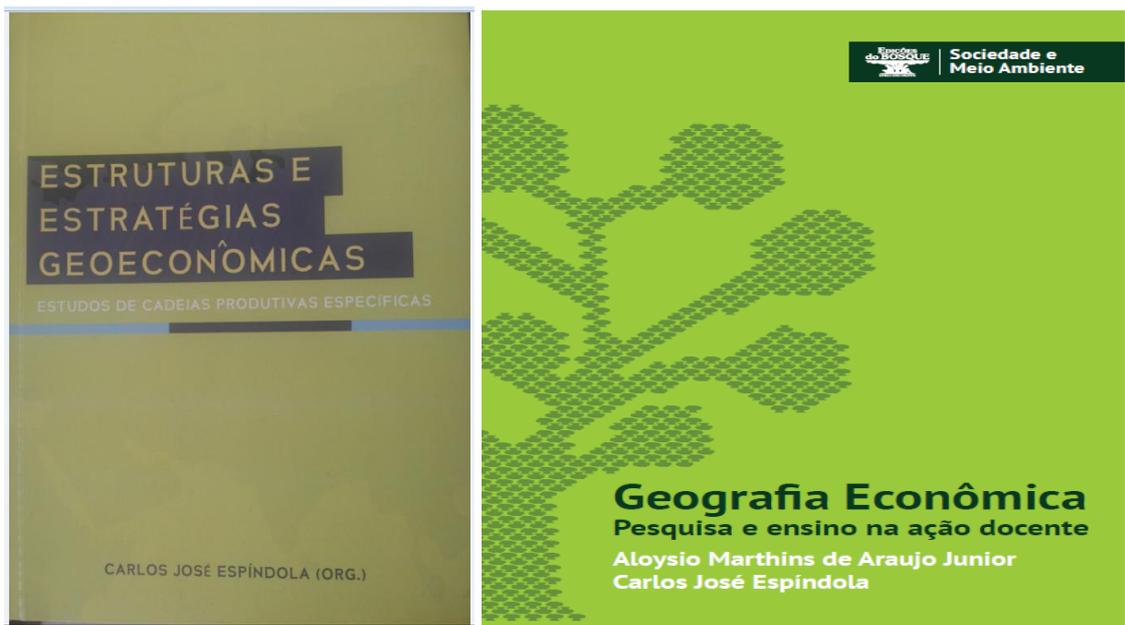


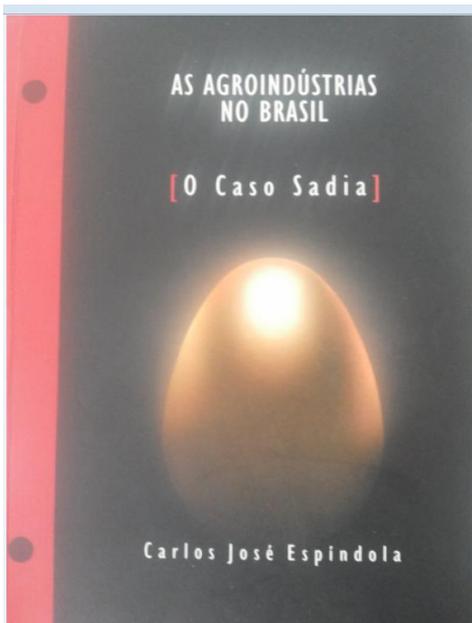
Palestras





Publicações





Entrevistas



Assistindo palestras



Inauguração da Sala Carlos Augusto



Entrevista com Losurdo



GT DA ENANPEGE



Bancas







Formaturas



Grupo de Pesquisa GEOTDE



Trabalho de Campo











Anexos

Artigos publicados em periódicos

ESPÍNDOLA, Carlos. J. O impacto geoeconômico da reestruturação tecnico-econômica nas estruturas produtivas catarinenses pós-1990. *Revista Formação. Presidente Prudente*. v. 25, p. 97-117, 2018.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; ARAUJO Junior, A. M. Breves consideraciones sobre las relaciones comerciales entre Brasil y España. *Revista de Estudios Brasileños*, v. 4, p. 161-175, 2017.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; CUNHA, R. C. C. Agricultura no Maranhão: uma leitura a partir de Lênin. *Princípios*. São Paulo, v. 148, p. 45-50, 2017.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; FARIAS, F. R. O cooperativismo agropecuário do sul do Brasil a partir da conjuntura econômica dos anos de 1980: alteração territorial de seu centro dinâmico. *Geosul. UFSC*, v. 31, p. 227-248, 2016.

SCHATZ, P. V.; ESPÍNDOLA, Carlos. J. Jogos e estratégias: o campeonato brasileiro de futebol na década de 1970 e a política de integração nacional. *Geo UERJ (Cessou em 2004. Cont. ISSN 1981-9021 Geo UERJ)*, v. 0, p. 302-324, 2016.

CUNHA, R. C.; ESPÍNDOLA, Carlos. J. Dinâmica geoeconômica da cadeia produtiva de soja no sul do Maranhão. *Boletim Gaúcho de Geografia*. Porto Alegre, v. 43, p. 187-207, 2016b.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; et.al. Formações socio-espaciais: Progresso técnico no espaço urbano e agrário. *Revista da Anpege*, v. 12, p. 137-162, 2016.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. As duas macroformações socioespaciais do Sul do Brasil na gênese da indústria de carnes. *Ensaio FEE*. v. 37, p. 715-738, 2016a.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Ciclo de crescimento da economia brasileira e desempenho do agronegócio catarinense. *Geografia*. Londrina, v. 25, p. 91-109, 2016b.

CUNHA, R. C. C. ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Relevância do Progresso Técnico na Consolidação da Cadeia Produtiva da Soja no Sul do Estado do Maranhão (Brasil). *Geografia*. Londrina. v. 25, p. 87-106, 2016a.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; CUNHA, R. C. A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva da soja no Brasil e no mundo. *Geotextos (Online)*, v. 11, p. 217-238, 2015.

CUNHA, R. C.; ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Geoeconomia da produção de soja no Sul do Maranhão: características sociais e territoriais. *Revista da ANPEGE*, v. 11, p. 37-65, 2015.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Desenvolvimento e progresso técnico na cadeia produtiva de carne suína da Espanha. *Geosp: espaço e tempo*, v. 18, p. 531-547, 2014a.

- ESPÍNDOLA, Carlos. J.; SCHILLIKMANN, P. H. A questão agrária brasileira sob a ótica da educação do campo. Geosul. UFSC, v. 29, p. 57-71, 2014b.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Desempenho exportador brasileiro e o transporte de cargas nos portos e terminais de uso privativo? Cadernos Geográficos (UFSC), v. 32, p. 1-66, 2014c.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J.. As inovações no transporte de cargas marítimas: apontamentos para a pesquisa. CaderNAU: Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas, v. 1, p. 41-52, 2013a.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Notas sobre as recentes exportações brasileiras de commodities agropecuárias. Princípios (São Paulo), v. 1, p. 44-49, 2013b.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Trajetórias do progresso técnico na cadeia produtiva de carne de frango no Brasil. Geosul. UFSC, v. 27, p. 89-114, 2012.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Mudança Técnica na cadeia mercantil de carne suína no Brasil. Cadernos do Núcleo de análises urbanas, v. 5, p. 29-34, 2012.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. A dispersão territorial dos investimentos do agronegócio de carne. Anais de Geografia econômica e social, v. 2, p. 251-281, 2009.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J.; BERTHOLI, A. W. Pantanal: o papel da Embrapa na consolidação da Pecuária. Geografia. Ensino & Pesquisa. UFMS. v. 13, p. 326-333, 2009.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J.; MEDEIROS, Marlon Clóvis. Agroindústria, desenvolvimento e projeto nacional. Princípios. v. 84, p. 54 - 57. 2006
- ESPÍNDOLA, Carlos. J.; BASTOS, José Messias. Reestruturação Agroindustrial e Comercial no Brasil. Cadernos Geográficos (UFSC), Florianópolis, v. 1, p. 7-70, 2005.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. O Potencial Brasileiro no mercado Mundial de carnes. Ciência Geográfica. Bauru v. X, n.02, p. 102-112, 2004.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Flexibilidade e Mobilidade nas Agroindústrias de Carne do Oeste Catarinense. Travessia: revista do migrante, São Paulo, , v. 45, p. 28 - 36, 01 jan. 2003.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Os investimentos agroindustriais no centro-oeste brasileiro. Revista Paranaense de Geografia, Curitiba, v. 07, p. 71-84, 2002.
- ESPÍNDOLA, Carlos. J. Tecnologia e as novas relações de trabalho nas agroindústrias de carne do sul do Brasil. Scripta Nova (Barcelona) ^{JCR}, Barcelona, v. 01, p. 89-113, 2002.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. O Real, a Indústria Avícola e as estratégias Empresariais. Revista de Geografia. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, n.14, 2001d.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Competitividade das agroindústrias do oeste catarinense no âmbito do Mercosul: considerações preliminares. Geosul. UFSC. Florianópolis, v. 14, n.28, p. 125-138, 1999a.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Notas sobre formação sócioespacial catarinense. Revista Tecnologia e Ambiente. V. 5 n. 2. 1999b.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; SILVA, Marcos Aurélio da. Formação socio-espacial: um referencial aos estudos sobre industrialização (Notas). Experimental, São Paulo, v. 1, n.3, p. 61-68, 1997.

Livros publicados/organizados ou edições

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Estruturas e estratégias geoeconômicas: estudos de cadeias produtivas específicas. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial. v. 40. 222p. 2017.

★ ESPÍNDOLA, Carlos. J.; ARAUJO JUNIOR, A. M. (Org.). Geografia econômica: pesquisa e ensino na ação docente. 01. ed. Florianópolis: Editora do bosque. v. 01. 432p. 2015.

★ ESPÍNDOLA, Carlos. J.; MARTINS, Cesar A. (Org.). Brasil: temas de Geografia econômica. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, v. 1. 202p. 2015.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Santa Catarina: Estudos de Geografia econômica e social. 1. ed. Florianópolis: UFSC, v. 01s231. 473p. 2011.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; Muller, Rosimar. Fundamentos de GEopolítica. 1. ed. Indaial: Uniasselvi, v. 01. 175p. 2010.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. As agroindústrias no Brasil o caso Sadia. 1. ed. Chapecó: Grifos, 1v. 1. 266p. 1999.

Capítulos de livros publicados

★ ESPÍNDOLA, Carlos. J. Considerações sobre a geografia: muita estrela pouca constelação. In: Aparecido R. de Andrade; Clayton L. da Silva. (Org.). Geografia e formação do geógrafo. Desafios e possibilidades de leitura do mundo. 1ed. Guarapuava: Unicentro, v. 1, p. 45-66. 2018.

★ ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Dinâmica geoeconômica do agronegócio brasileiro de carnes e soja. In: Lisandra Pereira Iamoso. (Org.). Temas do desenvolvimento econômico brasileiro e suas articulações com o mato Grosso do Sul. 1 ed. Curitiba: Ithalia, v. 1, p. 19-53. 2016.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Políticas públicas e a dinâmica recente da balança comercial do agronegócio brasileiro. In: Carlos José Espíndola; Cesar A. A. Martins. (Org.).

Brasil: Temas de Geografia econômica. 1 ed. Rio Grande: Ed FURG, , v. 1, p. 43-70. 2015.

★ ESPÍNDOLA, Carlos. J. Mudanças técnica e transformações territoriais na cadeia produtiva de carne suína no Brasil e na Espanha. In: Aloysio Marthins de Araujo Junior; Carlos José Espíndola. (Org.). Geografia econômica: pesquisa e ensino na ação docente. 1ªed. Florianópolis: Bosque, v. 01, p. 199-421. 2015.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; VEDOVATE, F. C.; SANTOS, J. M. Região nordeste. In: Cesar Delloro. (Org.). Aribas Plus Geografia. 4 ed. São Paulo: Moderna, v. 2, p. 15-42. 2014.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Gênese, evolução e dinâmica das agroindústrias de carne de Santa Catarina. In Mamigonian, A. (org). Santa Catarina. Estudos de Geografia econômica e social. Florianópolis, 2011.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; BASTOS, José Messias; SILVA, Marcos Aurélio da ; MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre o agronegócio de carnes na China. In: Espíndola, C. J. Bastos, J. M.; Mamigonian, A. (Org.). Geografia Econômica: Anais de Geografia econômica e social- Dossiê Ásia/China 1. 01ed. Florianópolis: Depto de Geociências/ Núcleo de Estudos Asiáticos, v. 01, p. 204-209. 2008.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Gênese das Agroindústrias de carne em Santa Catarina. In: João Marcio Palheta da Silva, Marcio Rogério Silveira. (Org.). Geografia econômica do Brasil: temas regionais. 1ed. Presidente Prudente: FCT/Unesp, v. 01, p. 139-157. 2002.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A dinâmica territorial das agroindústrias do oeste catarinense: O caso sadia. In O pensamento de Ignácio Rangel. Florianópolis: UFSC, 1997.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Políticas públicas e o dinamismo socioeconômico no Brasil contemporâneo: Breves considerações. In: III Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2017, Florianópolis. Anais do III Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, v. 1. p. 1-14. 2017a

ESPÍNDOLA, Carlos. J. O impacto geoeconômico da reestruturação tecnico-econômica no agronegócio catarinense pós 1990: breves considerações. In: III SENGES. Foz do Iguaçu. ANAIS do III Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, v. 01. p. 99-115. 2017b.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Agronegócios e o dinamismo geoeconômico da região metropolitana de Chapecó pós-2003. In: XV SIMPURB. Salvador. Anais do XV SIMPURB. Salvador: UFBA, v. 01. p. 01-20. 2017c.

BANDEIRA, J. L.; ESPÍNDOLA, Carlos. J. Desenvolvimento do setor de sementes no Brasil: Gênese, desenvolvimento e desnacionalização. In: XII ENNAPEGE. Porto Alegre. Anais. Dourados: UFGD, v. 1. p. 6293-6304. 2017a

BANDEIRA, J. L. ESPÍNDOLA, Carlos. J. Dinâmica recente do setor de sementes e a estratégia da Monsanto no Mercosul. In: III SENGES. Foz do Iguaçu. ANAIS do III Seminário Nacional de Geografia Econômica e Social, v. 01. p. 245-259. 2017b

PADILHA, W.; ESPÍNDOLA, Carlos. J. Cooperativas agropecuárias brasileiras e mercado global alimentar. In: XII ENANPEGE, Porto Alegre. ANAIS. Dourados: UFGD, 2017. v. 1. p. 6130-6140. , 2017

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Políticas Públicas e Desempenho Exportador Brasileiro. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina? Por una América Latina unida y sostenible, 2015, La Habana. XV Encuentro de Geógrafos de América Latina? Por una América Latina unida y sostenible. La Habana: EGAL, v. 1. p. 1300-1311. 2015a.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Evolução e dinâmica da economia urbana da fachada atlântica catarinense: breves considerações. In: XIV SIMPURB. Fortaleza. Anais do Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Fortaleza: UFCE, v. 01. p. 131-154. 2015c.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; PADILHA, W. Prodecoop e Procao-Agro e o crescimento das cooperativas agroindustriais da região Sul. In: XI Encontro nacional da associação de pós-graduação e pesquisa em geografia, 2015, Presidente Prudente. Anais do XI Enanpege. Dourados: UFGD Editora, v. 1. p. 6187-6198. 2015.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Considerações sobre a inserção recente do Brasil no agronegócio mundial de carne suína. In: 1 SENGES, Alagoas. 1 Seminário nacional de Geografia Econômica e Social: Desenvolvimento Econômico e Social, Mundo, Brasil, e Nordeste. Alagoas: UFAL/IGDEMA, v. 01. p. 1-15. 2014a

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A dinâmica recente do Brasil no mercado mundial de alimentos. In: VII congresso brasileiro de Geógrafos. Vitória. Anais do VII congresso brasileiro de Geógrafos. São Paulo: AGB, v. 01. p. 54-61. 2014b.

ESPÍNDOLA, Carlos. Políticas públicas e o desempenho recente da balança comercial do agronegócio brasileiro. Las VII Jornadas de Economía Crítica. 2014c.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A internacionalização do agronegócio brasileiro de carnes: a trajetória da Brasil Foods. In: VI CIETA. São Paulo. Anais... v. 01. p. 1866-1882. 2014d.

MAZZOCHIN, M. ESPÍNDOLA, Carlos. J. O setor agroflorestal: dinâmica geoeconômica da produção madeireira no sul do Brasil. VII Congresso de Geógrafos. Vitória, 2014a

MAZZOCHIN, M. ESPÍNDOLA, Carlos. J. La producción maderera Mundial: inserción de Brasil en la dinámica global. In: VI Jornada de Geografía económica. Sevilla. Dinámicas Económicas y Territoriales, Procesos globales y locales para el siglo XXI. Sevilla: Centro de Ciencias sociales, v. 01. p. 52-73. 2014b.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Dinâmica recente do comércio exterior brasileiro: reprimarização das exportações? In: X ENANPEGE. Campinas. Geografias, Políticas públicas e dinâmicas territoriais. Dourados: UFGD. v. 1. p. 2721-2731.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A incorporação das duas macro-formações socioespaciais do sul do Brasil. In: XII Colóquio internacional de geocritica. Bogotá. XII Colóquio internacional de geocritica., v. 1. p. 1-17. 2012.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Cadeia produtiva de frango de corte na América do Sul. In: Quintas Jornadas de História Económica. Montevideo. 2011.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A Dinâmica territorial da cadeia produtiva de carne suína na Espanha e no Brasil. In: IX ENANPEGE, 2011, Goiânia. Encontro Nacional da ANPEGE. Goiânia: UFG, v. 01. 2011.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. A cadeia produtiva de frango de corte na América do Sul. In: Jornadas de História Económica, 2011, Uruguai. Geografía e Historia Económica de la Región Sur de Rio Grande do Sul: diferencias y/o similitudes con el Plata"?, 2011.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Desenvolvimento biotecnológico das agroindústrias de carne no Brasil: a cadeia produtiva de aves. I. In: XX Semana de Geografia CCE/ UEL, 2004, Londrina. Desenvolvimento e Questão Ambiental, v. 1. 2004.

ESPÍNDOLA, Carlos. J.; BASTOS, José Messias. Ignácio Rangel: Um Pensador Independente. In: I Encontro SulBrasileiro Geografia, 2003, Curitiba. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, v. 01. p. 26-34. 2003.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Gênese e Capacidade Competitiva das Agroindústrias do Oeste Catarinense. In: Congresso de História e Geografia de Santa Catarina. Florianópolis. Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina. Florianópolis: EDEME, v. 1. p. 492-499. 1997.

FIM